

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Cristian Vian

HISTÓRIA DA INDÚSTRIA CERVEJEIRA EM PASSO FUNDO (1880-1947)

Passo Fundo/RS

2020

Cristian Vian

HISTÓRIA DA INDÚSTRIA CERVEJEIRA EM PASSO FUNDO (1880-1947)

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Gerhardt

Passo Fundo/RS

2020

*Dedicado a Maria de Lurdes Dalmolin,
a pessoa mais altruísta do mundo, da qual
tenho o privilégio de ser filho.*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. ANÚNCIO DA CERVEJA NACIONAL.....	15
FIGURA 2. ANÚNCIO DA CERVEJARIA CHRISTOFFEL.....	22
FIGURA 3. ANÚNCIO DA CERVEJARIA BOPP.....	24
FIGURA 4. ANÚNCIO DA CERVEJARIA RITTER & FILHOS.....	24
FIGURA 5. ANÚNCIO DA CERVEJARIA LEONARDELLI.....	26
FIGURA 6. ANÚNCIO DA CERVEJARIA FREITAS & COMPANHIA.....	30
FIGURA 7. ANÚNCIO DA CERVEJARIA RODOLPHO DIESING.....	31
FIGURA 8. ANÚNCIO DO GRANDE BARATILHO DE JOÃO CORÁ.....	32
FIGURA 9. AO CENTRO CERVEJARIA DE ALEXANDRE BRAMATTI E JOÃO CORÁ.....	33
FIGURA 10. RÓTULO DA CERVEJA CREOULA.....	39
FIGURA 11. RÓTULO DA CERVEJA SERRANA.....	39
FIGURA 12. FOTOGRAFIA DA CERVEJARIA SERRANA NO ANO DE 1929.....	41
FIGURA 13. ANÚNCIO DA CERVEJA BRAMATTI.....	43
FIGURA 14. FOTOGRAFIA DO STAND DA CERVEJARIA SERRANA.....	44
FIGURA 15. ANÚNCIO DA CERVEJARIA SERRANA NA REVISTA <i>A NOITE ILUSTRADA</i>	45
FIGURA 16. ANÚNCIO DA BOPP, SASSEN, RITTER & CIA. LIMITADA.....	51
FIGURA 17. NOTÍCIA DO FECHAMENTO DA CERVEJARIA BRAHMA EM CAXIAS DO SUL.....	56

LISTA DE SIGLAS

AHR – Arquivo Histórico Regional

IHGGV – Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas

MHR – Museu Histórico Regional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. AS ORIGENS DA INDÚSTRIA DA CERVEJA NO RIO GRANDE DO SUL	11
1.1 Os antecedentes e a situação industrial brasileira no século XIX	11
1.2 Da pequena manufatura à indústria racionalizada	16
2. A CERVEJA EM PASSO FUNDO E A CERVEJARIA SERRANA	28
2.1 Os primeiros indícios e as pequenas manufaturas	28
2.2 A Cervejaria Serrana	34
3. DESAPARECIMENTO DAS PEQUENAS CERVEJARIAS E A CONSOLIDAÇÃO DOS GRANDES MONOPÓLIOS CERVEJEIROS	47
3.1 As Cervejarias Antártica, Brahma e Continental	47
3.2 Expansão e domínio do setor cervejeiro	52
CONCLUSÃO	58
FONTES	60
REFERÊNCIAS	64

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a história da indústria cervejeira no Rio Grande do Sul, analisando o caso da Cervejaria Serrana do município de Passo Fundo. O recorte temporal, de 1880 a 1947 considera a data dos primeiros indícios da fabricação de cerveja no município, até a venda completa da Cervejaria Serrana.

O problema de pesquisa, que orienta a investigação é o seguinte: Quais motivos levaram à venda da Cervejaria Serrana em 1947, para a Cervejaria Brahma? Ou seja, qual processo histórico resultou no encerramento das atividades de uma cervejaria local, que foi incorporada por uma empresa maior?

A proposta de pesquisar a história da cerveja e da indústria cervejeira passofundense se justifica pela carência de pesquisas historiográficas relacionadas a história de antigas cervejarias locais, como é o caso da Cervejaria Serrana. Se a análise for ampliada, em uma perspectiva estadual, a história da cerveja ou das cervejarias é comumente relegada ou tratada sem a devida importância e profundidade. A ausência de pesquisas relacionadas à cerveja e à indústria cervejeira, em âmbito nacional, também fora motivo de questionamento por parte do historiador alemão Edgar Köb:

Apesar da grande importância econômica e sociocultural que esta bebida representa, não foi feita até o presente momento uma pesquisa séria sobre a sua história. Enquanto que já existe nos países europeus uma farta e ampla literatura relacionada a este tema, os trabalhos existentes sobre o Brasil e o resto da América Latina se limitam a ensaios gerais, onde a cerveja é tratada em aspecto secundário, ou históricos sobre algumas empresas de destaque. A razão desta se deve ao fato de que não houve por parte dos brasileiros uma tomada de consciência do valor sociocultural da cerveja como bebida popular na mesma proporção dos países europeus e norte-americanos.¹

Da antiguidade até a criação da *Reinheitsgebot*², a cerveja teve papel fundamental na história da humanidade, seja como alimento, forma de pagamento ou como uma bebida psicoativa utilizada em celebrações e rituais religiosos. No Brasil, assim como no Rio Grande do Sul ela foi principalmente difundida pelos imigrantes provenientes de regiões que correspondem aos atuais países da Alemanha, Suíça, Áustria e Itália. A imigração desses povos

¹KÖB, Edgar. Como a cerveja se tornou bebida brasileira: a história da indústria de cerveja no Brasil desde o início até 1930. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 161, n. 409, 2000, p. 29.

²Lei de pureza da cerveja promulgada pelo duque Guilherme IV da Baviera em 23 de abril de 1516. Esta, instituiu que a cerveja deveria ser fabricada apenas com água, malte de cevada e lúpulo em seus domínios.

ao Brasil iniciou-se em meados dos anos vinte do século XIX. Eles trouxeram consigo o conhecimento ancestral da produção de cerveja, oriundo de suas terras natais, onde a bebida era consumida há centenas de anos. Segundo Köb:

Não se pode determinar precisamente o início da produção de cerveja no Brasil. Os primeiros indícios remontam aos primeiros anos após a independência. No final dos anos vinte, o oficial alemão Carl Seidler encontrou no Rio Grande do Sul imigrantes teutos que tinham conhecimentos para fabricar cerveja, com os quais lhe parecia ser bastante interessante e lucrativo estabelecer parceria, devido ao alto preço da cerveja importada.³

Ao longo do período migratório, parte desses imigrantes instalou-se no município de Passo Fundo. Os primeiros indícios da fabricação dessa bebida remontam os últimos anos do império. A partir do século XX começaram a aparecer informações em periódicos sobre as primeiras cervejarias artesanais do município, sendo os artífices de uma delas os descendentes de italianos João Corá e Alexandre Bramatti, que fundaram, em 1910, a cervejaria Bramatti & Corá. Pouco tempo depois, venderam o estabelecimento para o imigrante suíço Jorge Barbieux e seu sócio Otto Bade, que a reinauguraram sob o nome de cervejaria Serrana no ano de 1916, uma das primeiras indústrias de Passo Fundo.⁴ Antes da industrialização, predominava a cerveja artesanal e as cervejarias produziam seus insumos de forma muito rudimentar, sem todo o aparato tecnológico existente atualmente. Algumas não se dedicavam única e exclusivamente à fabricação de cerveja, mas também de limonada gasosa, bebida semelhante aos atuais refrigerantes de limão e, em alguns casos, vinho e aguardente. O público alvo geralmente era o local.⁵

A presente pesquisa pode ser classificada dentro dos estudos da história de empresas, desenvolvida a partir do estudo de caso do empresariado ou de uma empresa específica, identificando relações intrínsecas desta com a sociedade. A história de empresas opera como uma ramificação da história econômica, porém esta abrange uma área de estudos muito mais ampla, como caracteriza Almir Pita Freitas Filho: “[...]as técnicas, os diversos setores produtivos, a mão-de-obra, assim como os espaços – internacional, nacional, regional, local e as unidades de produção, as empresas – são objeto de interesse da história econômica”.⁶

³KÖB, op. cit., p. 33.

⁴NASCIMENTO, Welci; DAL PAZ, Santana Rodrigues. *Vultos da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 1995, p. 106.

⁵KÖB, op. cit., p. 33-34.

⁶FREITAS, Almir Pita. História Econômica e História de Empresa: Algumas Reflexões Metodológicas. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, n. 10, 1989, p. 170-171.

A contribuição da imprensa para a construção do conhecimento histórico tem papel fundamental no desenvolvimento dessa pesquisa. Como a mesma abrange um recorte temporal que remonta ao início da industrialização no Brasil, documentos relacionados a essas fábricas e que poderiam contribuir para sua produção, são escassas. Conforme a historiadora Eulália L. Lobo:

As fontes empresariais no Brasil foram por longo tempo abandonadas. Somente as oficiais eram preservadas nos arquivos públicos. É muito comum as empresas destruírem os documentos mais antigos ou deixarem-nos sem qualquer critério de classificação, acumulados em depósitos. A regra geral é de criar dificuldades de acesso à documentação. Todos esses empecilhos e o próprio conceito de que a industrialização era tardia e a burguesia empresarial débil desestimulavam a pesquisa da história empresarial.⁷

Portanto, para viabilizar essa pesquisa, uma grande quantidade de fontes impressas foi consultada, desde periódicos locais como *Água da Fonte*, *A Voz da Serra* e *O Gaúcho*, disponíveis no Arquivo Histórico Regional (AHR); Os regionais: *A Federação*, *A Noite*, *Correio do Município*, *Mascara*, *O Brazil* e *O Rio-Grandense*; e os publicados em outros estados: *Correio Mercantil*, *Jornal do Comércio* e *Aurora Fluminense* e *A Verdade*, que podem ser consultados pela internet, no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Com exceção de *O Getuliense*, que fora consultado no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas (IHGGV). Segundo Tania Regina de Luca:

[...]a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. O historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa. O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa.⁸

Cabe destacar ainda, a contribuição dos livros de registros fiscais do município de Passo Fundo presentes no AHR e da história oral. A utilização de entrevistas e de relatos de vida, a exemplo da utilizada nessa investigação, obtidas nos arquivos da UPFTV e na revista *Água da*

⁷LOBO, Eulália L.. História Empresarial: Metodologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 321.

⁸DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nós e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 139-140.

Fonte, se caracterizam cada vez mais como primordiais para a construção de uma pesquisa completa. Segundo Philippe Joutard, “[...]a história oral fornece informações preciosas que não teríamos podido obter sem ela, haja ou não arquivos escritos”.⁹

Outra fonte importante utilizada é a iconográfica, o emprego da fotografia e anúncios de períodos passados tem a função de colocar os elementos temporais em sinergia para um melhor entendimento de determinado processo passado. Destacam-se as fotografias cedidas pelo Museu Histórico Regional, referentes a cervejaria Serrana e também os rótulos e slogans que as empresas empregavam em alguns de seus produtos. Pelo advento da internet, foi possível utilizar algumas imagens nessa pesquisa, articulando a discussão. Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad apontam que:

A fotografia, enquanto componente desta rede complicada de significações, revela, através da produção da imagem, uma pista. A imagem considerada como fruto de trabalho humano pauta-se em códigos convencionalizados socialmente, possuindo, sem dúvida, um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas as imagens como mensagens.¹⁰

Ademais, personagens da história passofundense estiveram presentes na produção cervejeira aqui investigada. Alguns eram donos de grandes casas comerciais de secos e molhados que vendiam de tudo: bebidas, cereais, animais e ferragens. Imigrantes vindos do outro lado do Atlântico, que pouco conheciam os costumes, a cultura e a língua local, traziam consigo atributos e habilidades que os tornavam protagonistas no desenvolvimento de novos produtos e na constituição de novas fábricas. Deste modo, é possível verificar que a história da cerveja e da indústria cervejeira apresentam-se como um importante e abrangente campo de pesquisa para a construção do conhecimento histórico.

⁹JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Maria Tania, FERREIRA, Maneta de Moraes (Orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p. 34.

¹⁰CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 574.

1. AS ORIGENS DA INDÚSTRIA DA CERVEJA NO RIO GRANDE DO SUL

Neste capítulo pretende-se introduzir o leitor ao tema da cerveja. Analisando aspectos gerais da experiência brasileira e rio-grandense, pontuando as origens da fabricação dessa bebida em solo brasileiro, além de apontar algumas questões culturais e sociais sobre seu consumo. Aborda as diferenças entre alguns tipos de cerveja, esclarecendo procedimentos técnicos para a fabricação dessa bebida.

1.1 Os antecedentes e a situação industrial brasileira no século XIX

A relação da sociedade brasileira com o consumo de cerveja, começou a tomar proporções significativas com a entrada da cerveja inglesa nos portos do Brasil no início do século XIX. A indústria inglesa se desenvolvia a passos largos e a cada dia chegavam novos comerciantes nos portos brasileiros, interessados em comercializar os produtos manufaturados de sua pátria de origem. As relações políticas e culturais entre ingleses e portugueses, fortaleceram e aceleraram o processo de disseminação do consumo dessa bebida entre as camadas mais abastadas da sociedade, que começava a se formular nos primeiros anos da nação. Dentre os tipos de cerveja que os ingleses produziam e vendiam nos portos brasileiros destacavam-se as marcas *Porter* e a *Pale Ale*.¹¹

Para um melhor entendimento de como a fabricação de cerveja se iniciou em solo brasileiro e no Rio Grande do Sul, serão necessários alguns apontamentos sobre o processo de industrialização do Brasil e a sua postura em relação à importação de produtos estrangeiros. Faz-se necessário, também, definir o conceito de industrialização. Conforme Sandra Jatahy Pesavento, “a industrialização é, ao mesmo tempo, um processo social e um processo técnico, ou uma forma específica de combinação das forças produtivas sob determinadas relações de produção”.¹² A industrialização tem seu início no século XIX movido, sobretudo, por uma necessidade interna de modernização dos meios de produção. Desencadeada, principalmente,

¹¹KÖB, Edgar. Como a cerveja se tornou bebida brasileira: a história da indústria de cerveja no Brasil desde o início até 1930. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 161, n. 409, 2000, p. 31-32.

¹²PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 14.

pela chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808, devido à invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte no ano anterior. O Príncipe-regente de Portugal, Dom João VI, alguns dias após sua chegada, lançou o Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas, além dos Alvarás do dia 1º de abril daquele mesmo ano e o de 28 de abril de 1809, que passaram a permitir a instalação de fábricas e manufaturas em terras brasileiras.¹³ Nícia Vilela Luz destaca a relevância dos Alvarás naquele momento para uma mudança no paradigma manufatureiro brasileiro:

O primeiro revogou as peias do regime colonial, formulou os princípios e expôs os motivos da nova orientação. Todo o país abriu-se, por assim dizer, às perspectivas da industrialização com o objetivo de multiplicar a riqueza nacional, promover o desenvolvimento demográfico e dar trabalho a certo elemento da população que não se acomodava à estrutura socioeconômica vigente. O segundo estabelecia medidas de ordem prática, concedendo isenção de direitos aduaneiros às matérias-primas necessárias às fábricas nacionais, isenção de imposto de exportação para os produtos manufaturados do país, utilização dos artigos nacionais no fardamento das tropas reais, concessão de privilégios exclusivos, por 14 anos, aos inventores ou introdutores de novas máquinas e a distribuição anual de 60 mil cruzados, produtos de uma loteria do Estado, às manufaturas que necessitassem de auxílio, particularmente as de lã, algodão, seda, ferro e aço.¹⁴

Apesar das iniciativas para impulsionar o desenvolvimento manufatureiro no Brasil, a herança colonial de uma elite agrária que se fazia presente nos círculos da alta sociedade brasileira, exercia grande influência na tomada de decisões sobre os rumos do país. Defendiam que sua vocação era agrícola, o que conseqüentemente, retardava o desenvolvimento industrial brasileiro. Como destaca Luz: “Lutava, em vão, contra esses interesses a minoria dos que acreditavam na industrialização”.¹⁵ Entretanto, mesmo com a independência do Brasil em 1822, que de certa forma, o desvencilhara das amarras colônias com Portugal, principalmente pelo monopólio comercial que este exercia sobre o país e de algumas medidas econômicas de incentivo à industrialização, como a tarifa alfandegária promulgada por Manuel Alves Branco, então Ministro da Fazenda em 1844. A medida de cunho protecionista taxava em até 60% alguns artigos de importação, os que recebiam a maior alíquota geralmente eram produtos dos quais o Brasil já produzia internamente.¹⁶ O intuito era de que comerciantes e empresários

¹³LUZ, Nícia Vilela. As tentativas de industrialização no Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org). *História geral da civilização brasileira*. 6. ed. Tomo II, vol. 6. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 40-41.

¹⁴Ibidem, p. 40-41.

¹⁵Ibidem, p. 47.

¹⁶VILLELA, André. Política tarifária no II reinado: evolução e impactos, 1850-1889. *Nova Economia*. Belo Horizonte, n. 15, 2005, p. 39.

brasileiros produzissem esses artigos em solo nacional, o que, no fim, surtiu um efeito razoável.¹⁷

Até pouco antes dos anos 1850 as informações relativas a fabricação de cerveja no Brasil e no Rio Grande do Sul eram bastante escassas, se limitando a alguns anúncios em periódicos da época e relatórios provinciais. Köb faz menção a um anúncio do dia 27 de outubro de 1836 do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, que se refere a venda da “cerveja brasileira”, segundo o mesmo: “Esse é na verdade o primeiro documento conhecido sobre a produção desta, a princípio bastante humilde no Brasil”.¹⁸ Porém, após pesquisar no mesmo jornal, foi possível encontrar menções a uma fábrica e a fabricação de cerveja em edições anteriores a mencionada na pesquisa de Köb. Como na edição de agosto de 1832 na coluna das vendas, que diz o seguinte: “Na rua d’Ajuda n. 67, fabrica de serveja, vendem-se bagos de zimbro, e baunilha por preço commodo”.¹⁹ Outra nota do mês seguinte menciona a mesma cervejaria e traz também o valor de cento e sessenta réis por botija, um recipiente feito de argila, “Na rua d’Ajuda n. 67, acha-se serveja de superior qualidade a 160 réis por botija o caldo, vinagre, baunilha, bagos de zimbro, rhum etc.”²⁰ Também foi possível encontrar menções sobre a mesma fábrica da rua d’Ajuda no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro na edição 252 do dia 15 de novembro de 1831, ou seja, cinco anos antes da cervejaria mencionada por Köb, o Rio de Janeiro contava com uma fábrica produzindo cerveja de alta fermentação em solo nacional: “Na Fábrica de Cerveja da rua d’Ajuda n. 67, vende-se além dos gêneros pertencentes à dita fabricação, e distillaria, bagos de zimbro novamente chegados de Hamburgo, e Baunilha, de primeira sorte, por preços commodos”.²¹ Uma nota na edição 726 do periódico *Aurora Fluminense*, do dia 25 de Janeiro de 1833, chama a atenção por discorrer sobre a mesma cervejaria. Além de mencionar alguns detalhes sobre outros gêneros alimentícios que se faziam presentes no cotidiano da primeira metade do século XIX como, o trigo que era importado, o modo de preparar a carne, que segundo a nota era semelhante ao europeu:

A farinha de trigo vêm-nos de fóra, mas fabrica-se o paõ muito bem; os carniceros preparaõ a carne ao modo Europeo; os distilladores tiraõ da agoa ardente de cana, espiritos e licores que brevemente desterraraõ dos nossos mercados productos identicos, vindos de fóra. Outro tanto diremos da serveja. A fabrica da rua da Ajuda

¹⁷LUZ, op. cit., p. 47-48.

¹⁸KÖB, op. cit., p. 33.

¹⁹VENDAS. *Jornal do Comercio*. Rio de Janeiro. p. 3, 22 ago. 1832.

²⁰VENDAS. *Jornal do Comercio*. Rio de Janeiro. p. 5, 15 set. 1832.

²¹VENDAS. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro. p. 2, 15 nov. 1831.

completamente resolveo o problema da sua preparação debaixo dos tropicos. Quanto ao vinho, vêm tudo de fóra; mas não deve estar longe o tempo em que o Brazil o dê; ensaios praticados em diferentes pontos fazem nascer esperanças certas a tal respeito.²²

Em agosto de 1832 o jornal *A Verdade* do Rio de Janeiro, publicou uma nota que revela a fabricação de cerveja em Minas Gerais nesse período sob a influência da presença inglesa naquela província:

Em Minas Gerais os Inglezes são os melhores Juizes de Paz contra os vadios, por que dão-lhes taes ordenados, e jornaes, que muitos tem renunciado inteiramente á ociosidade, e estão perfeitos officiaes de ferreiro, de carpinteiro etc., e o que mais é, já toda a Provincia sabe extrair ouro. Já ali se vê empregar a charua para cultivar campos, até aqui julgados inuteis. Já se fabrica serveja, e mil outras coizas, que o bom exemplo tem ensinado.²³

Cabe destacar a importância da busca de informações em periódicos para o desenvolvimento da presente pesquisa. Renée Zicman destaca que “a Imprensa é rica em dados e elementos, e para alguns períodos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc.”.²⁴ Durante todo o século XIX é possível encontrar a palavra cerveja escrita, tanto com a letra C quanto com a letra S. Alguns anúncios dos periódicos citados nessa pesquisa, só foram possíveis de serem encontrados, dando atenção e o devido cuidado a este detalhe, que pode acabar passando despercebido. Notou-se também, uma gradual padronização da palavra, com a letra inicial C, no século seguinte. Com relação a grafia das citações, procurou-se manter a original dos anúncios.

Quanto a pesquisa realizada em periódicos do Rio Grande do Sul, disponíveis no banco de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. As menções mais antigas encontradas sobre fábricas no Estado, estão nos *Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras*, na primeira edição, do dia primeiro de junho de 1849. Foi possível localizar a informação de uma cervejaria funcionando, naquele mesmo período, em grande escala na cidade de Pelotas.²⁵ No

²²INTERIOR. *Aurora Fluminense*. Rio de Janeiro. p. 1, 25 jan. 1833.

²³RIO DE JANEIRO. *A Verdade*. Rio de Janeiro. p. 2, 28 ago. 1832.

²⁴ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, v. 4, jun. 1985, p. 89.

²⁵MAPPA DEMONSTRATIVO DAS FABRICAS E PRODUCTOS DE ALGUNS MUNICIPIOS DESTA PROVINCIA, E DE SUAS RIQUEZAS NATURAES. *Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras*. Porto Alegre. p. 60, 1 jun. 1849.

jornal *O Rio-Grandense* de agosto de 1852, encontra-se o anúncio da *Cerveja Nacional* de propriedade de J. J. da Silva como mostra a Figura 1.

Figura 1. Anúncio da Cerveja Nacional

Cerveja Nacional
BRANCA E PRETA.
DA VINAGREIRA,
da fabrica de J. J. da Silva.
Em Pelotas.

Proteger e dar incremento ás fabricas nacionaes sem duvida éo que o paiz precisa para sustenter-se no vdo de desenvolvimento a que se tem arrojado : por tanto o fabricante tendo os generos tão bons como o estrangeiro. espera por isso a protecção do publico do paiz em geral e desta provincia em particular para que esta fabrica chegue ao ponto da prosperidade que todos devemos desejar ás fabricas de nosso paiz, com o progresso das quaes se augmentarão nosso commercio, e nossa agricultura.

Nesta fabrica se dirá os preços porque se vende a **cerveja** e vinagre em relação ás quantidades compradas, o qualidades dos generos (37)

Fonte: CERVEJA NACIONAL. *O Rio-Grandense*. Porto Alegre. p. 4, 30 ago. 1852. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No anúncio da Figura 1 é possível identificar o teor político do texto do anúncio, que defende a proteção da indústria, comércio e agricultura nacional, conclamando que a sociedade e o governo tomem partido na causa defendida, para que o país possa prosperar. Zicman sugere que, “[...]a imprensa age sempre no campo político-ideológico”²⁶ e que portanto é necessário tomar alguns cuidados metodológicos com relação aos agentes envolvidos na produção das informações.²⁷

A partir da segunda metade do século XIX, a produção industrial brasileira passou por períodos de ascensão, sobrepujados por acontecimentos de origem interna e externa como a Guerra Civil Americana (1861-1865) e a Guerra do Paraguai (1864-1870), que impulsionaram, principalmente, a indústria têxtil. A situação não melhoraria até o início da Primeira República

²⁶ZICMAN, op. cit., p. 90.

²⁷Ibidem.

(1889-1930), o mundo capitalista passara por grandes turbulências econômicas na década de setenta dos oitocentos, que chegaram ao Brasil e levaram ao fechamento de bancos e inúmeros negócios.²⁸ Porém, apesar da decadência de determinados setores, é nesse mesmo período que o ramo das cervejarias passa por um forte desenvolvimento e que conseqüentemente, diminuiu a importação dessa bebida.²⁹ Mesmo o setor industrial tendo se organizado, com a constituição da Associação Industrial em 1881, não conseguiu de forma efetiva concretizar seus anseios diante do governo imperial, não obstante a organização dos industriários tem um grande peso quanto à tomada de decisões sobre a política econômica na Primeira República.³⁰

1.2 Da pequena manufatura à indústria racionalizada

O período monárquico no Brasil desencadeou, além do processo de modernização citado anteriormente, um esforço de repovoamento e colonização de regiões até então pouco aproveitadas pelo governo brasileiro, como é o caso do Rio Grande do Sul, atraindo imigrantes de várias partes da Europa, entre eles, os de origem germânica. O esforço visava atender não apenas questões demográficas, mas também questões morais, sociais, militares e econômicas.³¹ A colonização alemã no Rio Grande do Sul data dos primeiros anos da década de vinte dos oitocentos.³² Segundo Pesavento:

A indústria da cerveja no Rio Grande do Sul associa-se à história da imigração alemã, como um ramo característico ao qual se dedicaram os teuto-brasileiros, objetivando atender o consumo da própria comunidade, que trouxera o hábito de beber este artigo de sua pátria de origem.³³

O argumento de Pesavento também é reforçada por Köb, segundo o mesmo: “os que introduziram no Brasil a técnica de fazer cerveja eram imigrantes provenientes principalmente da Alemanha e da Itália, passando à frente estes conhecimentos dentro da própria

²⁸LUZ, op. cit., p. 51-52.

²⁹KÖB, op. cit., p. 34.

³⁰LUZ, op. cit., p. 52-53.

³¹OBERACKER, Carlos H. A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org). *História geral da civilização brasileira*. 8. ed. Tomo II, vol. 5. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 263.

³²Ibidem, p. 261-263.

³³PESAVENTO, op. cit., p. 125.

comunidade”.³⁴ Quanto aos insumos para produção da cerveja, em especial a cevada, Pesavento indica que:

A cevada era cultivada pelos colonos e desenvolvia-se na zona de São Leopoldo, vale do Taquari e no planalto em torno de 1850. O governo provincial, representante dos interesses do centro no Rio Grande do Sul e, como tal, promotor da vinda dos imigrantes, fornecia aos colonos sementes selecionadas. A produção que resultava deste cultivo era aproveitada pelas pequenas cervejarias caseiras.³⁵

Pesavento ainda salienta que a precariedade infraestrutural nas colônias, aliada ao custo da cerveja importada, contribuiu para a disseminação de pequenas cervejarias artesanais.³⁶ Esse cenário manteve-se praticamente até o início da Primeira República. Köb destaca:

Durante muito tempo as cervejarias brasileiras se caracterizaram por sua pequena manufatura e instalações simples. Uma caldeira de cobre de 500 a mil litros, uma máquina de engarrafamento e outra de enrolhar, um moedor de grãos e duas tinas para fermentação eram suficientes para se montar um estabelecimento e produzir cerveja de alta fermentação, a qual era na maior parte das vezes consumida em bares e tavernas na própria localidade. O abastecimento com cevada e lúpulo consistia entretanto num problema permanente sendo que a cevada produzida aí não alcançava os padrões de qualidade necessários e como ingrediente o lúpulo não era nem mesmo cultivado. Assim sendo os fabricantes recorriam ao uso de ingredientes substitutos. Entre outros empregavam-se numa primeira fase o milho, arroz e açúcar. A princípios do século XX já se usava o malte de cevada importada, muitas vezes adulterado com açúcar.³⁷

Portanto é necessário enfatizar que, a cerveja como a conhecemos hoje passou por inúmeras mudanças se comparada à cerveja que era produzida séculos atrás. Tereza Cristina de Novaes Marques destaca que, “[...]a questão da temperatura é particularmente relevante para o implante dessa indústria em países tropicais como o nosso, porque só a refrigeração industrial garantiu homogeneidade e qualidade ao produto feito aqui”.³⁸ Também é importante destacar que existem técnicas e processos diferentes para a fabricação da cerveja, que resultam em produtos distintos, de acordo com a tecnologia e matéria prima empregada. Por exemplo, a cerveja de alta fermentação, necessita de menos capital para a criação de uma manufatura e

³⁴KÖB, op. cit., p. 34.

³⁵PESAVENTO, op. cit., p. 125.

³⁶Ibidem.

³⁷KÖB, op. cit., p. 34.

³⁸MARQUES, Teresa Cristian de Novaes. *A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro: de 1888 ao início dos anos 1930*. Brasília: EdUNB, 2014, p. 26.

fabricação. A de baixa fermentação exige um maior rigor quanto ao controle de temperatura para ser produzida e como consequência, necessita de investimentos em maquinário.³⁹ Segundo Marques:

Reconhece-se que, tanto no passado como hoje, existe uma centena de variedades de cerveja, de aspecto claro ou escuro, do tipo *Munchen*, do tipo *Pilsen*, ou do tipo *Stout*. Algumas delas exigem o emprego da técnica da baixa fermentação, outras só se fazem com alta fermentação, mas, sobretudo, a diferença entre as formas da bebida se deve à qualidade e à quantidade de matéria-prima empregada.⁴⁰

Marques ainda defende que a popularização do consumo da cerveja está associada também, a valorização das inovações tecnológicas. O advento da refrigeração e da pasteurização, transformaram o produto final e conseqüentemente, a qualidade e o grau de confiabilidade dos mesmos.⁴¹ Quanto às diferenças entre as cervejas de alta e baixa fermentação, estão sobre tudo, no tipo de levedura empregada para a fermentação dos cereais maltados. Na cerveja de alta fermentação, segundo Marques:

[...] empregava-se, e ainda hoje se usa, um tipo especial de levedura que opera seus efeitos sobre a mistura do malte com a água, causando a aglomeração dos grânulos de malte na superfície do líquido em temperaturas consideradas elevadas: entre 16°C e 24°C. A refrigeração é necessária durante algumas etapas do processo de fabricação, especialmente no resfriamento da mistura já fervida.⁴²

O resultado desse processo é a cerveja de alta fermentação, que recebe esse nome justamente por que sua fermentação ocorre em temperaturas elevadas, além de que, os grânulos de malte se precipitam na superfície da mistura.⁴³ Marques pontua:

Pode ser pasteurizada, conservava-se por mais tempo, mas os fabricantes brasileiros resistiam a pasteurizar a bebida, para evitar perdas de garrafas, o que aumentaria muito o custo de produção de suas empresas. Por não ser pasteurizada, essa cerveja deve ser consumida em poucos dias, por que o líquido no interior da garrafa continua se expandindo, levando à expulsão da rolha ou tampa que veda a garrafa. Como, habitualmente, usava-se a rolha amarrada com barbante para selar as garrafas, esse tipo de cerveja ficou conhecido como cerveja barbante.⁴⁴

³⁹Ibidem.

⁴⁰Ibidem.

⁴¹Ibidem, p. 31-35.

⁴²Ibidem, p. 37.

⁴³Ibidem.

⁴⁴Ibidem.

Até o final do século XIX, antes da chegada de algumas inovações nas técnicas de envasamento, a questão do engarrafamento da cerveja se constituía em um grande problema para os fabricantes, visto que, as garrafas fabricadas no Brasil, não eram padronizadas e o sistema de engarrafamento era precário. Ocasionalmente, inúmeras perdas para os fabricantes de bebidas e que acabavam, em períodos de expansão da produção, a ter de importar garrafas. Uma das alternativas dos fabricantes para evitar prejuízos, era manter um salão nas dependências das fábricas, para que a bebida pudesse ser consumida ali mesmo, em meio a festas, jogos e afins.⁴⁵

Com relação à cerveja de baixa fermentação, se distingue por empregar um tipo diferente de levedura que opera em baixas temperaturas, em torno de 3°C a 13°C, com os grânulos de malte ficando no fundo da tina de fermentação. Após esse processo, a cerveja pode ser estocada por meses, desde que resfriada, podendo ser comercializada conforme a disposição de consumo. A possibilidade de constituir um estoque, poderia se converter em algumas vantagens econômicas, de acordo com a oferta e demanda do produto e da oscilação dos preços da cerveja ou das matérias-primas necessárias para sua produção.⁴⁶

Uma das primeiras cervejarias a aplicar a técnica de baixa fermentação e se racionalizar no Rio Grande do Sul, ou seja, ter um elevado grau de controle sobre seus processos produtivos, foi a do imigrante alemão Friedrich Christoffel. Antes de se estabelecer em Porto Alegre e abrir sua própria cervejaria, havia trabalhado em uma fábrica de vinagre no Rio de Janeiro.⁴⁷ Uma reportagem do jornal *A Federação* de março de 1904 traz algumas informações importantes sobre o início da cervejaria e as técnicas de produção que a mesma empregava:

A fabrica de cerveja denominada Christoffel, foi fundada em 1864 por F. Christoffel, na rua da Floresta. D'ahi passou a funcionar na rua do Rosario esquina do Caminho Novo, d'onde mudou-se para a rua Voluntarios da Patria n. 487, onde se conserva até hoje. A fabrica de cerveja Christoffel emprega os mais aperfeiçoados processos na sua indústria. Estes processos resumem-se nas seguintes operações: 1ª moagem de cevada; 2ª preparação do liquido, chamada impropriamente infusão; 3ª fervura com o lúpulo; 4ª resfriamente, feito por meio do ar ou nas adegas, artificialmente. A moagem da cevada é feita em uma machina moderna, com todo o capricho. Na sala da fabricação ha uma tina ou cuba de infusão, destinada á preparação do liquido. O principio em que se baseia esta operação é a transformação do amido do grão de cevada pela diástase em liquido saccharino. O processo empregado pela fabrica é o do aquecimento lento, e n'esta primeira cuba o liquido é paulatinamente elevado a temperatura de 40 graus. E' o systema de München, na Baviera. D'esta tina de infusão é o liquido retirado por meio de 5 torneiras de grande diâmetro para uma cuba d'onde é levado por meio de uma bomba para a caldeira superior, voltando á tina de infusão pela diferença de nível, para atingir a temperatura de 70 graus.

⁴⁵Ibidem, p. 38-39.

⁴⁶Ibidem, p. 40-41.

⁴⁷PESAVENTO, op. cit., p. 126.

Dando continuidade a matéria, destaca-se a técnica utilizada para fabricação, mencionando as diferenças entre a forma como os ingleses e os alemães produziam a cerveja e o porquê da cervejaria de Christoffel ter optado pelo método alemão:

O processo inglês eleva bruscamente a temperatura a 70° durante a infusão, ao passo que o processo alemão prefere fazer esta elevação de temperatura lentamente. Como consequência o processo inglês dá cerveja com mais alcool, e o processo allemão a produz com maior somma de materiais nutritivas. E' por isto que a fabrica Christoffel preferio o processo allemão. D'ahi segue o liquido por meio de uma calha para os resfriadores. Estes resfriadores são grandes peças de metal a semelhança de tableiros, de pouco fundo e excessiva extensão. Estes resfriadores têm capacidade para 12 mil garrafas, são em numero de dois e funcionam numa sala vastissima, na parte mais superior do edificio. Como dissemos, este resfriamento póde tambem ser praticado nas adegas. A entrada para essas adegas é feita por aberturas pequenas, munidas de escadas de ferro. Estas aberturas são pequenas para ser aproveitado todo o frio, e a construcção é de ferro. A adega mais superior é a da fermentação, cuja temperatura regula 6° Reaumur. Tem 25 tinas para a fermentação do liquido e o resfriamento é feito por meio de serpentinas. A fermentação dura de 8 a 15 dias. A adéga mais inferior é destinada ao deposito, onde a cerveja se clarifica por si mesmo e é retida pelo espaço de dois mezes, para depois ser filtrada e engarrafada. O liquido passa dos resfriadores ao ar livre para as adegas, passando por um aparelho especial onde cae sobre tubos, pelos quaes corre agua internamente, auxiliando tambem o resfriamento. Todas as construcções são de ferro. Das adégas vem a cerveja para a secção do engarrafamento, que é feito por um processo especial. A vantagem do processo da fabrica Christoffel é que o liquido não tem contacto com o ar ambiente, indo diretamente para a garrafa por contrapressão, o que tem, por efeito, de um lado o aproveitamento total do acido carbonico e do outro o não permitir que a cerveja espume em demasia. Depois do engarrafamento vae a cerveja ao banho-maria a 40° Reaumur ou 50°, si é para exportação, em vastas cubas apropriadas. São ahi mesmo selladas as garrafas e collocadas nas prateleiras.

Na sequêcia da matéria, chama atenção a abrangência de mercado da cervejaria, que exportava seus produtos naquele período, para regiões bem distantes do local de origem como o Ceará. Também traz detalhes sobre as garrafas utilizadas, importadas de fora do Estado e sobre o sistema de refrigeração:

A secção de encaixotamento é bem montada e ahi prepara-se a mercadoria, afim de ser exportada para o norte, Rio, Ceará, e sul do Estado. Emprega-se unicamente madeira do paiz. Na secção de lavagens de garrafas ha uma escova rotativa para este serviço, além de dois esguichos com pressão de uma atmospheria, correspondendo a 10 metros de altura mais ou menos. Vimos em deposito alguns saccos de garrafas fabricadas em S. Paulo, acondicionadas em capsulas de palha, mandadas vir para consuno da fabrica. E' de lamenta que em uma capital como Porto Alegre, não haja ainda uma fabrica em condições de fornecer as garrafas necessarias a tão vulgarisada indústria. A machina frigorifica póde produzir 300 kilos de gelo por hora. Esta machina é do systhema Caré, aperfeiçoado, e pelo amoniaco. O vapor aquece-se no cylindro vertical, e na serpentina, e é submetido a pressão de 13 athmospheras. Dahi é submettido ao resfriamento por meio d'agua, liquefazendo-se então o gaz amoniaco.

Modifica-se a pressão para 12 atmosferas, vaporizando-se de novo o amoníaco em consequência, e nesta mudança de estado absorve calor, gerando o gelo. O gás é de novo aproveitado no cilindro, e teoricamente não devia haver necessidade de novo gás amoníaco, se não se perdesse nos attrictos. A bomba d'água da 800 litros por minuto, e trabalha também dia e noite. Os reservatórios d'água tem 20.000 litros cada um e é depositada antes de ser usada. A caldeira a vapor é do systema *Belevil*, aperfeiçoada, de Demayer & C., de Villabroek, Belgica. O combustível empregado é tóros de madeira e a caldeira tem uma superfície de fogo de 82m,2, correspondendo mais ou menos a 60 cavallos vapor.

No último trecho, verifica-se as informações sobre a capacidade produtiva da fábrica, o valor em capital, os nomes do então proprietário e do técnico cervejeiro, além de destacar que a fábrica supostamente respeitava a *Reinheitsgebot*, utilizando apenas cevada e lúpulo na fabricação:

Como anexos da fabrica estão as estribarias, e os depositos das carretas. O canal para a vinda d'água tem uma boa construção, e n'elle cabe um homem de pé para fazer a limpeza. No escriptorio faz-se a analyse de cerveja, de cevada, etc. A fabrica possui terrenos de marinhas onde funccionam dois trapiches, um com o edificio da *Rudderverein Germania*, e o outro alugado a fabrica de vidros contigua. A propriedade dos terrenos de marinha é importante para assegurar a boa qualidade da agua. Ao lado da fabrica funciona a sociedade sportiva Radfahrer Verein, <Blitz>, em terreno cedido gratuitamente pela fabrica. A sociedade *Foot-ball* funciona também em terrenos da fabrica. Está portanto, a fabrica cercada por três sociedades sportivas. O pessoal da cervejaria, em numero de 45 pessoas, no momento, é composto de brasileiros de origem allemã e italiana. A fabrica póde produzir até 1.500.000 garrafas de cerveja annualmente, trabalhando dia e noite. A cervejaria <Christoffel> produz cerveja branca e preta simples, dupla, Lager-Bier, Export-Bier, Culmbacher, chopps simples e duplo. E' proprietário desta fabrica, cujo capital é de 600.000\$000 o illustrado profissional dr. Luiz Englert, competente, activo e emprehendedor. Seu nome, por si só, assegura a franca prosperidade do estabelecimento, que trabalha agora dia e noite. E' mestre da fabricação o sr. Ioncher, que tem diploma pela academia de mestres de fabricação de Munich, na Baviera, e desempenha com proficiencia o seu cargo. A fabrica só emprega cevada e lupulo como materia prima, e no contracto lavrado com o mestre é severamente punida qualquer falta neste sentido. A fabrica nunca teve uma condenação. E' premiada na exposições de Paris, Rio de Janeiro, Berlim, Brasileira-allemã, e do Estado em 1901.⁴⁸

Ainda que de cunho propagandístico, exaltando as qualidades técnicas da cervejaria e virtudes do então proprietário Luiz Englert. A reportagem do jornal *A Federação* sobre a cervejaria Christoffel, relata detalhes importantes de como era fabricada a cerveja no Rio Grande do Sul. Dando ênfase a produção de nível industrial, no final do século XIX e início do XX, além de destacar a quantidade de operários, os tipos de cerveja produzidos, o capital social da cervejaria, o problema das garrafas que fora comentado anteriormente e a capacidade

⁴⁸PELAS FABRICAS. *A Federação*. Porto Alegre. p. 1, 16 mar. 1904.

produtiva da indústria. No *Anuário da Província do Rio Grande do Sul* de 1885, uma página é dedicada a cervejaria de Christoffel, nela o anúncio chama atenção por creditar a cervejaria como a mais antiga do Estado, informação que não procede, visto que apresentamos no tópico anterior uma fábrica tão antiga quanto a em questão na Figura 1. O anúncio também exalta os prêmios e o aparato tecnológico da cervejaria, como a máquina de fazer gelo.

Figura 2. Anúncio da Cervejaria Christoffel

— 293 —

Fabrica
de
Cerveja
de
Frederico Christoffel & Cia

Rua do Vigario José Ignacio n. 1
Porto Alegre

A mais antiga e mais acreditada das fabricas de cerveja existentes n'esta provincia, premiada com medalhas de ouro e prata em diversas exposições, laureada pela sociedade scientifica européa, de Paris, que concedeu ao chefe da casa „Frederico Christoffel“ uma medalha de ouro pela importancia do seu estabelecimento e a superioridade dos seus productos.

Além da especialidade de sua actividade — o fabrico de **cerveja** — que os annunciantes não precisam mais recommendar, porque a sua marca é bastante conhecida n'esta provincia, offerece esta casa aos srs. consumidores as mais reaes vantagens na venda de productos especiaes para a fabricação de **cerveja**, como **cevada** e **lupulo** e bem assim **rolhas**.

Para poder servir melhor á sua freguezia, os annunciantes tem annexado ao seu estabelecimento uma **machina de fazer gelo**, visto constituir este producto o mais indispensavel requisito para a obtenção de uma boa **cerveja**.

Fonte: ANUÁRIO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre. p. 293. 1885. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Além da cervejaria Christoffel, outras também começaram a se destacar na capital, como a de Bernardo Sassen fundada em 1878 com 500:000\$000 de capital inicial e que até o final da virada do século se manteve competitiva produzindo uma média de 10.000 garrafas de cerveja por dia e contando com 26 operários. A de Wilhelm Becker em 1879 e a de Karl Bopp em 1881.

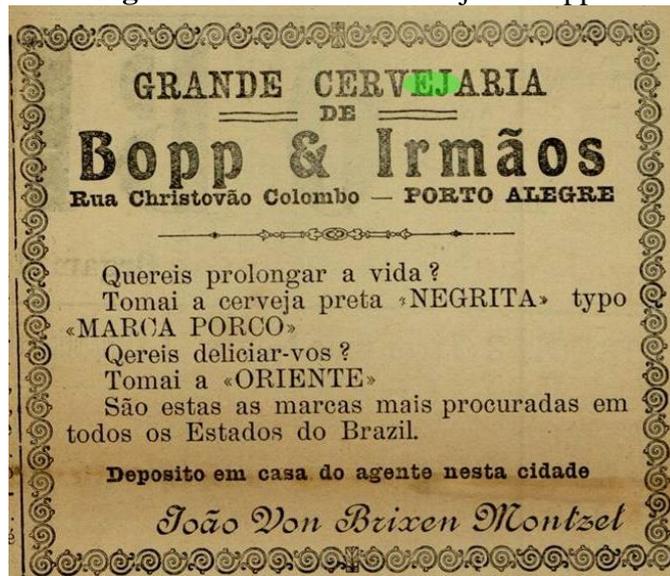
Becker faleceu em 1889, a viúva Elizabeth Ritter, filha de outro pioneiro da cerveja no Rio Grande do Sul, Georg Heinrich Ritter, casou-se com Sassen, ocasionando a fusão das duas cervejarias.⁴⁹ A família de Georg Heinrich Ritter na Alemanha era de cervejeiros, ele imigrou para o Brasil em 1846, seguiu a tradição familiar e seus filhos, Heinrich e Karl Ritter também fundaram cervejarias. Heinrich e seus filhos, Henrique Waldemar, Carlos Oscar e Frederico Augusto formaram a *Ritter & Filhos* em 1907, em Porto Alegre, com capital de 1.000:000\$000, capacidade de produção de 15.000 garrafas por dia e 20.000kg de gelo. Karl Ritter fundou a sua cervejaria em Pelotas em 1872, até meados da primeira década do século XX, a cervejaria de Karl contava com 70 operários e uma capacidade de produção diária de 10.000 garrafas de cerveja.⁵⁰ Até o final do século XIX somente na capital, Porto Alegre, somavam-se 13 cervejarias. Pesavento indica, que o capital comercial foi determinante para o sucesso de tais empreendimentos pois fora a partir daí, que os empresários puderam investir importando equipamentos modernos, como as máquinas frigoríficas. Uma vez que, a maioria das pequenas manufaturas ainda utilizavam a técnica de alta fermentação, por não possuírem capital para comprar tais equipamentos,⁵¹ o que de certa forma, contribuiu para o fortalecimento das indústrias que conseguiam modernizar seu maquinário. Nas Figuras 3 e 4 é possível verificar os anúncios da cervejarias de Karl Bopp e de Heinrich Ritter, no jornal *O Brazil*, bem como suas respectivas marcas de cerveja.

⁴⁹PESAVENTO, op. cit., p. 127

⁵⁰Ibidem, p. 128.

⁵¹Ibidem, p. 129.

Figura 3. Anúncio da Cervejaria Bopp



Fonte: Jornal *O Brazil*. Caxias do Sul. p. 2, 10 jun. 1911. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No anúncio da Cervejaria Bopp (Figura 3) é possível verificar no texto que a mesma exportava seus produtos para outros Estados do Brasil.

Figura 4. Anúncio da Cervejaria Ritter & Filhos



Fonte: Jornal *O Brazil*. Caxias do Sul. p. 1, 13 jan. 1917. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No anúncio da Cervejaria Ritter (Figura 4) é possível averiguar a grande variedade de cervejas que a fábrica produzia, evidenciando a sua diversidade produtiva no início do século XX. Nas zonas onde concentrou-se a imigração italiana, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves, também surgiram indústrias cervejeiras de grande porte, destaca-se entre elas a de Ambrosio Leonardelli fundada em 1882.⁵² Os italianos, assim como os alemães, também sabiam produzir cerveja como fora mencionado anteriormente. O jornal *O Cosmopolita* de 1903, publicou uma nota bibliográfica dedicada a contar a trajetória do imigrante italiano Rodolpho Felice Laner, a quem, segundo o jornal, atribui a abertura da primeira cervejaria daquela localidade:

Em meados do anno de 1876 chegou a esta villa, então séde, da ex-colônia Duque de Caxias, com as primeiras turmas de colonos italianos que o governo imperial enviara para povoarem as uberrimas terras deste futuro município. Intelligente e dotado de uma perseverança invejável, não quis dedicar-se ao cultivo da terra, como fizeram os seus demais companheiros, por ver que o seu trabalho só poderia ser convenientemente remunerado, quando a colônia possuíse boas estradas de rodagens que facilitassem o transito de seus productos para os centros populosos. Por isso procurou aproveitar sua actividade na carreira commercial, fundando, em 7 de Setembro de 1877, a primeira casa de negocio que se abriu á frequencia publica. Foi tambem Felice Laner quem estabeleceu a primeira cervejaria, a primeira olaria mechanica, e quem primeiro divulgou o emprego do sulfato de cobre, nas vinhas, para evitar-se a Peronóspora, moléstia que aqui grassava fortemente, trazendo incalculaveis prejuízos aos colonos.⁵³

A historiadora Marcia Sanocki Stormowski aponta que no inventário de Felice Laner, aparece apenas a atividade de oleiro e as demais constam em livros de impostos entre os anos de 1894 e 1909.⁵⁴ Também defende a possibilidade de Felice Laner ter imigrado da Itália com algum capital, o que possibilitou sua ascensão como comerciante, industrial e também como arrendatário de terras em Caxias do Sul.⁵⁵ Na Figura 5 é possível conferir um anúncio da Cervejaria Leonardelli.

⁵²Ibidem.

⁵³TRAÇOS BIOGRAPHICOS. *O Cosmopolita*. Caxias do Sul. p. 1, 29 nov. 1903.

⁵⁴STORMOWSKI, Marcia Sanocki. *Crescimento econômico e desigualdade social: o caso da ex-colônia Caxias (1875-1910)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2005, p. 96.

⁵⁵Ibidem.

Figura 5. Anúncio da Cervejaria Leonardelli



Cervejaria
— de —
Leonardelli Irmãos

Tendo a nossa fabrica passado por reformas
geraes, sendo installadas novas e operfeioadas
machinas, temos sempre em deposito a especial
cervejas das seguintes marcas :

Tripoli (Branca) 

 **Porco (Preta)**

Gazosa e agua mineral
CAXIAS

Fonte: Jornal *O Brazil*. Caxias do Sul. p. 3, 24 out. 1914. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No anúncio da Cervejaria Leonardelli (Figura 5) destaca-se no texto do anúncio o comentário sobre a recente reforma da cervejaria e seu aperfeiçoamento tecnológico. Cabe destacar, que buscou-se enfatizar nessa pesquisa, os exemplos de cervejarias com características industriais. Porém, outras tantas funcionavam no mesmo período, assim nos limitaremos a expor algumas, sobretudo, as que apresentaram respostas para o problema de pesquisa no decorrer do desenvolvimento. Todavia é relevante trazer informações sobre a quantidade de cervejarias existentes no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas dos noventa. Em outubro de 1914, fora publicado no jornal *A Federação*, a Mensagem do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, do dia 20 de setembro. Em um dos trechos, que se refere a indústria fabril, há a menção da existência de 134 cervejarias no Estado naquele período.⁵⁶ À medida que, as condições do país em termos creditícios e infraestruturas iam mudando, até meados da década de trinta século XX. Inúmeras dessas pequenas manufaturas acabavam por desaparecer ou eram absorvidas por outras. As que permaneciam, conseguiam se consolidar no mercado como indústrias cervejeiras. Conforme Pesavento:

⁵⁶MENSAGEM DO PRESIDENTE DO ESTADO. *A Federação*. Porto Alegre. p. 4, 7 out. 1914.

[...]os últimos anos do Império e os primeiros da República foram marcados por uma política emissionista e creditícia. Alguns efeitos desta política econômico-financeira, que adquiriu, na época da República, o nome de “encilhamento”, foram a desvalorização da moeda brasileira e a inflação, tornando mais caras as importações. Paralelamente os governos tomaram medidas de protecionismo alfandegário para dotar o Estado de um certo lastro: elevação dos impostos de importação, cobrança da taxa-ouro sobre os artigos importados. O efeito específico que esta política financeira trouxe sobre a fabricação da cerveja foi tornar mais difundido o seu consumo, na medida em que se tornava mais difícil a importação do vinho português. Entretanto, a inflação ocorrida representava uma faca de dois gumes, na proporção que a desvalorização cambial tornava mais cara a importação de máquinas e do malte e lúpulo, matérias-primas para a cerveja. Em compensação, algumas medidas de proteção alfandegária, levadas a efeito pelo governo central, vieram favorecer a proliferação das cervejarias.⁵⁷

Ainda no começo da Primeira República, Pesavento indica que “[...]novas medidas protecionistas foram tomadas, respondendo a necessidade de arrecadação fiscal do governo federal e a solicitações dos produtores na defesa de seus interesses.”⁵⁸ Entretanto, a grande concorrência, a expansão, a modernização e o deslocamento de indústrias oriundas dos grandes centros e com grande concentração de capital, contribuíram para o desaparecimento das pequenas e médias manufaturas familiares. Até meados da década de quarenta dos novecentos, boa parte dessas indústrias locais acabariam por se tornar parte de grandes monopólios, quadro este, que será discutido nos capítulos seguintes.

⁵⁷PESAVENTO, op. cit., p. 131.

⁵⁸Ibidem.

2. A CERVEJA EM PASSO FUNDO E A CERVEJARIA SERRANA

Neste capítulo, será discutida a presença da cerveja em Passo Fundo, relatando os indícios mais antigos da fabricação dessa bebida no município, a partir dos dados que foram coletados durante a produção dessa pesquisa. Também serão apresentados, alguns detalhes sobre a situação econômica do município, a partir da segunda metade do século XIX até parte da primeira metade do século XX, além do caso da Cervejaria Serrana.

2.1 Os primeiros indícios e as pequenas manufaturas

Inicialmente Passo Fundo, até meados de 1850, se constituía em um pequeno povoado. A economia passofundense se baseava na criação de mulas, erva-mate e pedras preciosas tendo estes produtos, o destino final de exportação.⁵⁹ A partir da emancipação em 1857, desmembrando-se de Cruz Alta, alçou à condição de vila. A cidade ganhou novas ruas e experimentou um modesto crescimento urbano. Seu território abrangia uma área onde hoje formam os municípios de Soledade, Guaporé, Erechim, Carazinho, Getúlio Vargas e parte de Encantado.⁶⁰ Com a Guerra do Paraguai (1865-1870) enfrentou certa paralisia em seu desenvolvimento, principalmente pelo recrutamento de parte de sua população para lutar a guerra. Após o fim da guerra, a cidade retoma seu desenvolvimento novamente, sendo um dos fatores a chegada de imigrantes alemães e italianos que acabaram por diversificar a economia.⁶¹ Segundo Fábio Kühn:

De 1870 em diante, começou uma nova etapa, marcada pelo desenvolvimento da industrialização. A acumulação de capital feita pelos comerciantes permitiu investimentos no setor industrial, especialmente em setores como cervejarias, fábricas de calçados, olarias, curtumes e na construção naval.⁶²

Quando verificada a história da cerveja em uma perspectiva local, nesse caso, a de Passo Fundo, identificou-se que, apenas alguns casos muito pontuais foram documentados, ainda

⁵⁹KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Passo Fundo e a construção do imaginário de capital do planalto: comemoração, memória, visualidade e políticas públicas*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, p. 56.

⁶⁰Ibidem.

⁶¹Ibidem, p. 57.

⁶²KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul*. 2 ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004, p. 92.

assim, de forma muito sucinta. Apesar da presente pesquisa tratar de aprofundar o estudo dessa bebida, não fora possível determinar quando e quem iniciou a fabricação de cerveja nessa localidade. Entretanto, em pesquisa realizada no acervo documental do Arquivo Histórico Regional (AHR) de Passo Fundo. Foi possível encontrar nos registros do executivo municipal, uma caixa com uma lista datilografada de alvarás de terrenos concedidos pela Câmara Municipal entre os anos de 1862 a 1904. Na capa do documento aparece, escrito à mão, a seguinte frase: “Moradores da Vila de Passo Fundo dos anos 1862 a 1904”. Um nome presente na lista chama a atenção, o de Augusto Domingues. A nota traz a referência do dia 16 de outubro de 1880 e diz o seguinte:

Terreno entre as casas de Frederico Graeff e Nicolau Thein, na rua do Comercio, lugar chamado BOQUEIRÃO, fazendo frente com terrenos por edificar, 150 palmos mais ou menos de frente, e fundos correspondentes, com o destino especial para edificar uma casa para fabrico de cerveja conforme requereu e foi deferido em sessão ordinaria de 29 do mês passado.⁶³

Até o presente momento, essa é a menção mais antiga encontrada sobre a fabricação de cerveja no município de Passo Fundo. Com a expansão e organização do comércio, além do surgimento da imprensa no ano de 1890⁶⁴ é que começaram a surgir os primeiros anúncios comerciais das pequenas manufaturas de cerveja. Outro fator determinante para o desenvolvimento econômico e crescimento urbano foi a ferrovia, que recortou o Estado, ligando a capital Porto Alegre e o interior. Passando por Santa Maria, Cruz Alta, Passo Fundo, até Itararé em São Paulo.⁶⁵ O trem chegou no município de Passo Fundo em fevereiro de 1898.⁶⁶ Conforme Tedesco:

[...]a ferrovia cortou, abriu, percorreu e valorizou campos e matas com abundância de madeira de lei, necessária para a própria rede, para os colonos, para colonizadoras e comerciantes. Ao seu redor, esses últimos, estruturaram suas vidas e seus estabelecimentos, valorizaram as terras, sendo as matas, aos poucos, substituídas pela

⁶³PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO. *Moradores da Vila de Passo Fundo 1862 a 1904*. Passo Fundo, [19..?]. [caixa] A-3.1.14. (AHR).

⁶⁴MIGLIORANZA, Cristiane. O surgimento da imprensa em Passo Fundo e sua estreita ligação com o partido republicano – a vida de Gervásio Annes de 1889 a 1917. *Anais do I Seminário de História Regional*. Passo Fundo: UPF, 2006, p. 120.

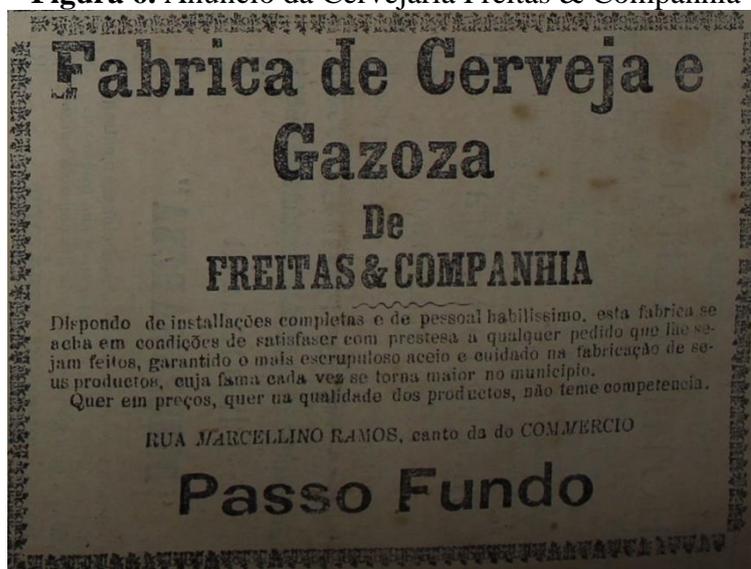
⁶⁵TEDESCO, João Carlos. *A Gare e o trem em Passo Fundo: sinergias econômicas (1898-1978)*. Porto Alegre: EST, 2015, p. 25.

⁶⁶Ibidem, p. 27

agricultura de trigo e milho, com a conseqüente dinâmica da indústria moageira, da banha, da carne e do couro.⁶⁷

Nesse período predominava a mentalidade de que o desenvolvimento econômico de uma determinada região estaria atrelado a sua capacidade de escoamento de produção.⁶⁸ Nesta perspectiva, as pequenas cervejarias foram beneficiadas, pois além de poderem receber os insumos necessários para a fabricação da bebida com maior agilidade, sendo alguns deles importados como, o lúpulo e o malte de cevada, podiam escoar sua produção para outras localidades. Como destaca Tedesco, “até meados do século XX o trem tornou-se o principal meio de deslocamento de mercadorias”.⁶⁹ Segundo o relatório apresentado ao conselho municipal em 31 de outubro de 1906, pelo intendente municipal Pedro Lopes de Oliveira, que se refere as indústrias e profissões. Passo Fundo contava com apenas uma cervejaria na primeira década do século XX.⁷⁰ O jornal *O Gaúcho* de fevereiro de 1909 traz os anúncios de duas cervejarias, a de Freitas & Companhia que se localizava na esquina entre as ruas Marcelino Ramos e do Comércio e a de Rodolpho Diesing, na rua Bento Gonçalves, como mostram as Figuras 6 e 7 respectivamente.

Figura 6. Anúncio da Cervejaria Freitas & Companhia



Fonte: Jornal *O Gaúcho*. Passo Fundo. p. 3, 7 fev. 1909. Acervo do Arquivo Histórico Regional (AHR).

⁶⁷Ibidem, p. 29.

⁶⁸Ibidem.

⁶⁹Ibidem, p. 57.

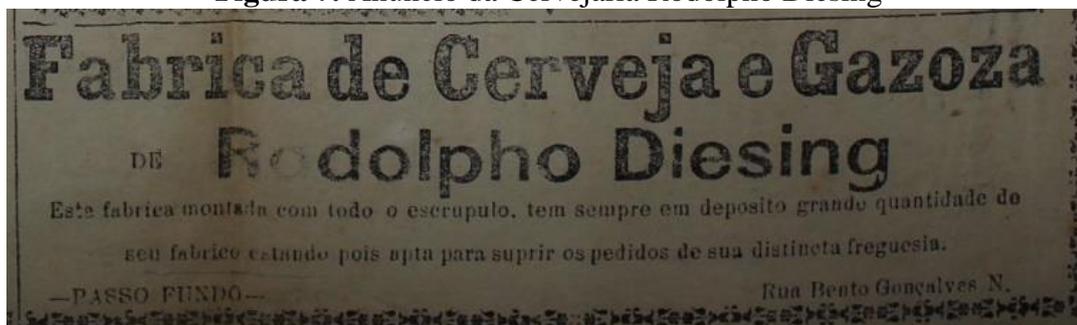
⁷⁰OLIVEIRA, Pedro Lopes. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal em 31 de outubro de 1906*. Passo Fundo, 1906, p. 21. (AHR)

Na texto do anúncio lê-se:

Dispondo de instalações completas e de pessoal habilíssimo. esta fabrica se acha em condições de satisfazer com prestesa a qualquer pedido que lhe sejam feitos, garantido o mais escrupuloso aceio e cuidado na fabricação de seus productos, cuja fama cada vez se torna maior no municipio. Quer em preços, quer na qualidade dos productos, não teme competência.

O anúncio da Cervejaria Freitas & Cia (Figura 6) no jornal O Gaúcho, destaca os cuidados com relação à fabricação e à aceitação de seus produtos pelo público local. Entretanto, pouco se sabe sobre essa cervejaria, sendo esse anúncio a única menção encontrada sobre a mesma até o momento. Na Figura 7 verifica-se o anúncio da cervejaria de Diesing.

Figura 7. Anúncio da Cervejaria Rodolpho Diesing



Fonte: Jornal *O Gaúcho*. Passo Fundo. p. 4, 7 fev. 1909. Acervo do Arquivo Histórico Regional (AHR).

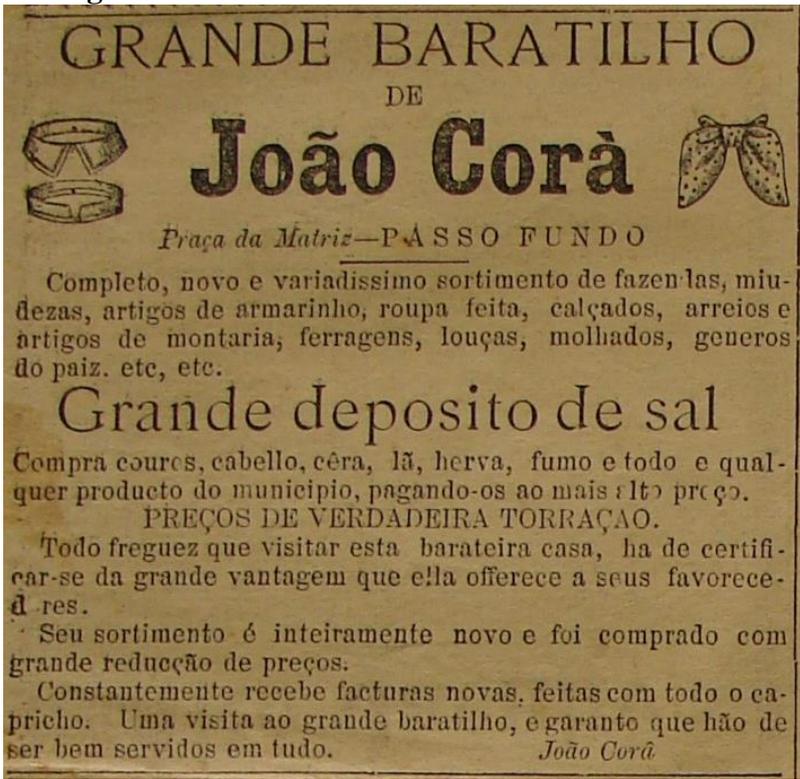
No anúncio da Figura 7 lê-se: “Esta fabrica montada com todo o escrupulo, tem sempre em deposito grande quantidade de seu fabrico estando pois apta para suprir os pedidos de sua distincta freguesia”. O caso da cervejaria de Rodolpho Diesing se assemelha ao da cervejaria Freitas & Cia, não sendo encontradas maiores informações sobre esta cervejaria. No relatório apresentado ao conselho municipal pelo intendente Coronel Gervásio Lucas Annes, há referência aos estabelecimentos existentes em Passo Fundo em 1911 e que confronta os dados do ano anterior. Em 1910 o município contava com nove cervejarias, porém em 1911 a quantidade havia dobrado.⁷¹ Segundo o mesmo relatório, logo na primeira década do século XX, Passo Fundo contava com o expressivo número de 795 estabelecimentos, dentre eles, açougues, curtumes, ferrarias, médicos, padarias, olarias etc.⁷² É nesse mesmo período que uma

⁷¹ANNES, Gervásio Lucas. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal em reunião ordinária de 1º de novembro de 1911*. Passo Fundo: O Gaúcho, 1911. (AHR)

⁷²Ibidem.

dessas pequenas manufaturas começou a se destacar, a modesta fábrica de João Corá e de seu sócio Alexandre Bramatti. Inicialmente, Corá possuía uma casa comercial próxima à Praça da Matriz. No jornal *O Gaúcho* de 1905 foi possível encontrar um anúncio de sua casa de negócios, que vendia uma grande variedade de produtos como mostra a Figura 8.

Figura 8. Anúncio do Grande Baratilho de João Corá



GRANDE BARATILHO
DE
João Corá
Praça da Matriz—PASSO FUNDO

Completo, novo e variadíssimo sortimento de fazendas, miudezas, artigos de armarinho, roupa feita, calçados, arreios e artigos de montaria; ferragens, louças, molliados, generos do paiz. etc, etc.

Grande deposito de sal

Compra coures, cabelo, cêra, lã, herva, fumo e todo e qualquer producto do municipio, pagando-os ao mais alto preço.
PREÇOS DE VERDADEIRA TORRAÇÃO.

Todo freguez que visitar esta barateira casa, ha de certificar-se da grande vantagem que ella offerece a seus favorecidos.

Seu sortimento é inteiramente novo e foi comprado com grande redução de preços.

Constantemente recebe facturas novas, feitas com todo o capricho. Uma visita ao grande baratilho, é garantido que hão de ser bem servidos em tudo.

João Corá

Fonte: Jornal *O Gaúcho*. Passo Fundo. p. 2, 11 abr. 1905. Acervo do Arquivo Histórico Regional (AHR).

Como é possível conferir na Figura 8, no anúncio do comércio de Corá, inicialmente as casas comerciais não possuíam especialização com relação aos artigos ali vendidos, uma vez que naquele período não existiam por aqui supermercados, estas eram as casas de negócios onde a população comprava os produtos para suas mais variadas necessidades. No caso de Corá é possível verificar novamente, o exemplo de como o capital comercial estava envolvido no desenvolvimento de novas atividades industriais e comerciais, conforme havia sido exposto anteriormente, segundo as análises de Pesavento⁷³ e Fábio Kuhn⁷⁴. O sócio de Corá, Alexandre Bramatti, segundo o *Calendário do Município de Getúlio Vargas de 2019*, desenvolvido em

⁷³Ver p. 24.

⁷⁴Ver citação p. 29.

parceria com o Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas (IHGGV), nasceu na *Comune Di Vaprio D'adda*, próxima da cidade de Milão, Itália, em 24 de março de 1879 e com a esposa Emília Tasson, teve dez filhos.⁷⁵ Entretanto, carece de mais informações sobre o ano de imigração para o Brasil. O caso de Bramatti é um tanto quanto peculiar e trataremos de elucidá-lo um pouco mais no tópico seguinte. Conforme o jornal *A Federação* de julho de 1912, na Seção Comercial, solicitou-se o arquivamento do contrato social da empresa sob o nome de Bramatti & Corá. Ainda segundo a nota, a empresa possuía um capital inicial de 90:000\$000, com a finalidade de fabricar e comercializar cerveja, gelo e o que mais convier.⁷⁶ Na Figura 9 é possível identificar uma fotografia de 1912, encontrada no acervo do Museu Histórico Regional (MHR).

Figura 9. Ao centro Cervejaria de Alexandre Bramatti e João Corá



Fonte: Acervo do Museu Histórico Regional (MHR). Código da imagem: MHR.1998.01087. Autor desconhecido.

⁷⁵PREFEITURA MUNICIPAL DE GETULIO VARGAS. *Calendário do Município de Getúlio Vargas de 2019*. Getúlio Vargas. p. 5. 2019. (IHGGV).

⁷⁶SECCÃO COMMERCIAL. *A Federação*. Porto Alegre. p. 2, 19 jul. 1912.

A partir da fotografia (Figura 9) da cidade de Passo Fundo do ano de 1912, com a cervejaria ao fundo, no centro da foto, percebe-se uma cidade em construção, ainda com aspectos interioranos, sem edificações aglomeradas e com a presença de plantações. Nesse período, Passo Fundo começa a receber mudanças significativas nas relações sociais e em seu espaço urbano, conforme Miranda e Machado:

A década de 1910 pode ser considerada a Belle Époque tardia passofundense. É lembrada como a época em que a cidade encontrou a sua modernidade: as ruas se iluminaram com a substituição do lampião a querosene por lâmpadas elétricas; a rede telefônica encurta distâncias; a instalação do primeiro banco agiliza o comércio; o primeiro cinema encanta os habitantes, e, entre outros movimentos, a área urbana adquire uma nova paisagem com a construção de hotéis e a inauguração de uma prefeitura "nova", além da implantação dos trilhos, que a partir de então ligariam o Rio Grande do Sul, via Passo Fundo, com São Paulo e o resto do país. A Avenida Progresso, nomeada em 1913, incorporava o espírito daquela época.⁷⁷

O desenvolvimento econômico, atrelado ao trem e a outros fatores como o fluxo migratório que ainda acontecia, serviu como atrativo para que mais pessoas optassem pela região Norte do Estado para fixar moradia. Segundo Knack:

As primeiras décadas do século XX são marcadas por essa modernização do espaço urbano que modifica o cotidiano dos munícipes, introduzindo novas formas de sociabilidade, acelerando a vida dos passofundenses. Essas transformações eram traduzidas em novas necessidades em virtude do crescimento urbano do município.⁷⁸

As novas formas de sociabilidade da qual Knack discorre, acabam por se constituir em novos hábitos, como o de se reunir em bares e cervejarias para beber após um dia de trabalho.

2.2 A Cervejaria Serrana

A partir do ano de 1914, a cerveja aparece como item de exportação em Passo Fundo. Na mensagem oferecida ao conselho municipal, em 1915 pelo então intendente, Pedro Lopes de Oliveira, sendo a humilde soma exportada de, 135 caixas, totalizando o valor de 4:050\$000

⁷⁷MIRANDA, Fernando B. Severo de.; MACHADO, Ironita P. Passo Fundo: presentes da memória. Rio de Janeiro: MM Comunicação, 2005, p.49.

⁷⁸KNACK, op. cit., p. 58.

e o imposto total pago de 27\$000.⁷⁹ No ano seguinte, chega em Passo Fundo o imigrante e mestre cervejeiro suíço Jorge Barbieux, com o intuito de fazer negócios e fixar residência. Segundo Welci Nascimento:

Jorge Barbieux nasceu na localidade de St. Gall, na Suíça, no dia 29 de novembro de 1857. Permaneceu em sua Pátria até os 16 anos de idade, quando estudou, inicialmente, na Wormser Braner Schule-Worms. Mais tarde fez Estágio na Arminius Drauerrei-Kohlstad e, em junho de 1887, ingressou como técnico na Fábrica de Cerveja “La Alemanha” de Valência, já com 20 anos de idade, onde também aprimorou seus conhecimentos cervejeiros, tornando-se técnico de fama. Atravessou o Atlântico em demanda de Buenos Aires em 1896, e fixou-se como técnico cervejeiro, tendo requerido sua cidadania argentina, onde trabalhou alguns anos. Não tendo encontrado a terra ideal para viver, pensou em transferir-se para o Brasil, mais precisamente para o Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, onde existia uma organização cervejeira de certa fama, a Boop, Sassen, Ritter e Cia, assumindo a Direção Técnica, e passando a apresentar excelentes produtos. Em Porto Alegre, Jorge Barbieux casou-se com Maria Luiza Broler, a 08 de dezembro de 1900; contava, então, com 33 anos de idade e muita experiência de mundo. Permaneceu em Porto Alegre como Técnico da Cervejaria Boop, Sassen, Ritter e Cia. até 1914, quando tranferiu-se para Montenegro, onde dirigiu, como técnico, a Fábrica de Cerveja Jahn.⁸⁰

Após o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, Jorge, então com quatro filhos: Walter Barbieux, Constance Barbieux, Bruno Barbieux e Dagmar Barbieux, deixou a Direção Técnica da Cervejaria Jahn e transferiu-se para Passo Fundo. Em 1915 deu início ao primeiro estabelecimento cervejeiro com capacidade para atender a demanda regional, quando adquiriu a pequena cervejaria de Alexandre Bramatti e João Corá.⁸¹ No início começou a fabricar a cerveja “Gaúcha”, que segundo Nascimento era, “considerada, na época, uma das melhores da Serra”.⁸² Quando fixou-se em Passo Fundo, Jorge Barbieux requereu sua cidadania brasileira. É necessário discutir e pontuar algumas das informações que Nascimento mencionou em sua obra, pois em parte, são imprecisas e carecem de fontes. Começamos pela parte na qual o mesmo fala da Cervejaria Bopp, Sassen, Ritter & Cia. De fato, houve a fusão dessas cervejarias, algumas das quais comentadas no Capítulo 1, em apenas uma companhia. Porém a fusão destas, só iria ocorrer em primeiro de julho de 1924.⁸³ Portanto levanta-se a hipótese de que Jorge

⁷⁹OLIVEIRA, Pedro Lopes. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal em 1 de novembro de 1915*. Passo Fundo, 1915. (AHR)

⁸⁰NASCIMENTO, Welci; DAL PAZ, Santana Rodrigues. *Vultos da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 1995, p. 105-106.

⁸¹Ibidem.

⁸²Ibidem.

⁸³PESAVENTO Sandra Jatahy. *RS: agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 138.

Barbieux prestasse paralelamente algum tipo de assessoria técnica para as cervejarias Bopp, Sassen e Ritter. Com relação a Direção Técnica da Cervejaria Jahn de Montenegro por parte de Barbieux, uma pequena nota do jornal *Correio do Município* de 1916, na seção de hospedes e viajantes, faz menção a uma viagem de Jorge Barbieux, então diretor técnico da cervejaria do senhor Gustavo Jahn, para Porto Alegre.⁸⁴ Nota-se aqui, que mesmo estando com negócios encaminhados em Passo Fundo em 1915, Barbieux ainda possuía vínculos com a Cervejaria Jahn em 1916. Com relação a compra da Cervejaria Bramatti e Corá por Jorge Barbieux, não é possível determinar quais as motivações que levaram João Corá e Alexandre Bramatti a venderem a cervejaria, nem os vínculos familiares e afetivos dos envolvidos. Entretanto, no caso de Bramatti, após vender sua parte da cervejaria em Passo Fundo, mudou-se para o interior de Erechim. Em agosto de 1918 o jornal *A Federação* publicou o anúncio da inauguração da fábrica de cerveja de Alexandre Bramatti e Antônio Pilhoni naquela localidade:

A 18 do corrente foi inaugurada neste povoado a nova fabrica de cerveja, gazosas e aguas mineraes, da firma Bramatti & Pilhoni. Esta fabrica, que se acha amplamente installada com machinismos modernos, deu inicio ao fabrico de dois typos de cervejas que, como os demais productos, pela sua pureza e paladar, estão destinados a um largo consumo e acceitação. São proprietários da nova fabrica os antigos profissionaes, snr. Alexandre Bramatti e Antonio Pilhoni.⁸⁵

Ao comprar a Cervejaria Bramatti & Corá, Jorge Barbieux associa-se aos irmãos Otto e Hugo Bade para melhor desenvolver o novo negócio. Em agosto de 1916, o jornal *A Federação* divulgou a notícia das deliberações do dia 7 de agosto do ano corrente, da Junta Comercial do Rio Grande do Sul. Nela consta, o arquivamento do contrato social da empresa Bade Irmãos & Barbieux de Passo Fundo com capital inicial de 90:000\$000 para o comércio e fabrico de bebidas em geral.⁸⁶ Em mensagem apresentada ao Conselho Municipal na reunião ordinária de 1916 pelo intendente Pedro Lopes de Oliveira. Noticia que, “mais um importante estabelecimento industrial acaba de fundar-se nesta cidade, a fabrica de cerveja, gazosas e aguas mineraes dos srs. Bade Irmãos & Barbieux, que promette grande desenvolvimento”.⁸⁷ A capa do jornal *A Voz da Serra* de setembro de 1916, traz uma nota referente a fábrica de cerveja, nela constam alguns detalhes importantes sobre os sócios e algumas características físicas da fábrica:

⁸⁴HOSPEDES E VIAJANTES. *Correio do Município*. Caxias do Sul. p. 1, 31 jan. 1916.

⁸⁵FABRICA DE CERVEJA EM ERECHIM. *A Federação*. Porto Alegre. p. 7, 23 ago. 1918.

⁸⁶JUNTA COMMERCIAL. *A Federação*. Porto Alegre. p. 7, 8 ago. 1916.

⁸⁷OLIVEIRA, Pedro Lopes. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal na reunião ordinária de 1916*. Passo Fundo, 1916, p. 12. (AHR)

Dentro de poucos dias reencetará seu trabalho, paralyzado ha cerca de dois anos, a importante fabrica de cerveja pelo systema frigorifico montada à rua Paysandú esquina da avenida General Netto, nesta cidade, pela extincta firma Bramatti & Corá. Esse estabelecimento industrial foi ultimamente adquirido pela firma Bade Irmãos & Barbieux, constituída pelos srs. Otto e Hugo Bade e Jorge Barbieux, os quaes estão no proposito de imprimir-lhe vigoroso impulso e certamente o conseguirão, attento o grande esforço que vai presidindo o trabalho de restauração e aperfeiçoamento da fabrica, na qual varias machinas novas foram introduzidas agora, completando o vasto conjunto necessario a um estabelecimento que, como esse, visa trabalhar em larga escala. Em vista dessa reforma, dada a excelente agua de que dispõe o estabelecimento, suprida por crystalina fonte que brota dentro do próprio edificio, e attente a circumstancia de dispôr a firma de um profissional competentissimo na pessoa de seu sócio Jorge Barbieux, que já trabalhou em fabricas importantes como a Becker de Porto Alegre, onde permaneceu por espaço de 16 annos, - claro é que o estabelecimento poderá produzir cerveja igual ás melhores do Estado, constituindo-se fator importante na vida industrial do nosso municipio.

No trecho seguinte a nota traz alguns detalhes sobre a capacidade produtiva da fábrica, destacando a capacidade de armazenamento de sua câmara frigorífica e os tipos de produtos que irá produzir:

A fabrica trabalhará tambem em gazozza, aguas mineraes e licores, para cujo fabrico estão sendo feitas as competentes installações. O serviço do estabelecimento, que abrange tambem a fabricação de gelo e a illuminação electrica de seus compartimentos, feita por 30 lampadas de 50 velas cada uma, é accionado por um motor da força de 28 cavallos, consumindo lenha e nós de pinho. O frigorifico da cervejaria é amplo, podendo esfriar uma área de 150 metros quadrados e mantê-la na temperatura de 1º acima de zero centrigado, permittindo a frigorificação de 100.000 litros de cerveja a cada vez. A fabricação desta começará na próxima semana, pretendente a firma expola á venda por todo o mez de Outubro entrante. Haverá duas marcas desta bebida: Serrana (branca), typo Vienna, e Creoula (escura), typo Munich. A fabricação de gazozza, aguas mineraes e licores, começará tambem por estes poucos dias. Eis as informações que em rapida visita colhemos sobre o importante estabelecimento dos srs. Bade Irmãos & Barbieux.⁸⁸

É necessário pontuar uma peculiaridade da cervejaria, que desde o princípio de seu funcionamento, sob a nova direção, segundo a nota do jornal, possuía o maquinário necessário para fabricar cerveja de baixa fermentação, além de possuir um frigorifico de tamanho significativo, que possibilitava a fábrica de constituir estoque e um mestre cervejeiro de officio. Portanto é possível levantar a hipótese de que muito provavelmente, a nova cervejaria se colocou em relativa vantagem comercial e tecnológica, frente as outras pequenas manufaturas de Passo Fundo. A nota também menciona que, Jorge Barbieux havia trabalhado para a

⁸⁸FABRICA DE CERVEJA. *A Voz da Serra*. Passo Fundo. p. 1, 16 set. 1916.

Cervejaria Becker de Porto Alegre, da qual fora citada no Capítulo 1 e que, de certa forma, alimenta a hipótese levantada anteriormente, de que o mesmo atendia, paralelamente, ou possuía vínculos com as muitas cervejarias da capital do Estado. Em novembro de 1916, novamente na capa do jornal *A Voz da Serra*, a cervejaria dos irmãos Bade e de Barbieux é mencionada. Dessa vez, para noticiar a inauguração da mesma, no dia 19 do corrente mês:

Domingo ultimo, pela manhã os srs. Bade Irmãos & Barbieux inauguraram festivamente a sua importante fabrica de cerveja, licores, aguas mineraes e gazosa, estabelecida á rua Paysandu esquina da avenida General Netto. Ao acto compareceu extraordinario numero de pessoas de todas as classes sociaes, bem como a banda de musica regida pelo maestro Claro Gomes. Aos presentes foi servido um churrasco á gaúcha, regado a cerveja e schopps da casa, bebidas estas cuja distribuição foi feita profusamente. Durante o acto fizeram uso da palavra os srs. Adelino Pereira de Souza, Ernesto Lacombe, João Annes e Irineu Goulart, saudando a firma e pondo em relevo a importancia da fabrica. Em nome dos srs. Bade Irmãos & Barbieux agradeceu essas saudações e o comparecimento dos presentes, o redactor d' *A Voz da Serra*. Faltou ainda o sr. Alcides Lima, que tambem saudando os proprietarios do estabelecimento, lembrou a grande cooperação dada a este pela firma Bramatti & Corá, que o erguera, e finalmente encerrou a serie de brindes o redactor desta folha, prestando homenagem á grande data que passava, consagrada a festa da Bandeira Nacional e terminando por erguer um viva ao Brasil, calorosamente correspondido pelos presentes. Os srs. Bade Irmãos & Barbieux foram alvo de geraes e expressivas felicitações pela qualidade magnifica dos seus productos, que na opinião de todos podem competir com os melhores do Estado. Conforme ha tempos noticiamos, a fabrica inaugurada passou por grandes e dispendiosas reformas, sendo dotada de novas e aperfeiçoadas machinas para os serviços accessorios da fabricação da cerveja e bebidas do seu ramo. Com estes melhoramentos e dada a procura assás lisongeira que vão tendo os seus productos nesta e noutras praças, não poderá deixar ella de elaborar nesta nova phase uma produção considerável, contribuindo largamente para a receita publica.⁸⁹

Segundo havia citado Nascimento, em um primeiro momento a cervejaria lançou a marca de cerveja Gaúcha, em seguida, passaram a fabricar as marcas Creoula e Serrana. Em 1917, o jornal *A Federação* publicou o anúncio de arquivamento dos registros das marcas, Creoula e Serrana de Bade Irmãos e Barbieux na Junta Comercial do Rio Grande do Sul.⁹⁰ Na Figura 10, a ilustração do rótulo da Cerveja Creoula.

⁸⁹INAUGURAÇÃO DE FABRICA. *A Voz da Serra*. Passo Fundo. p. 1, 25 nov. 1916.

⁹⁰MARCA REGISTRADA. *A Federação*. Porto Alegre. p. 8, 8 fev. 1917.

Figura 10. Rótulo da Cerveja Creoula



Fonte: Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/12/ff/af/12ffaf569170d1efd4cb1453fe4b238a.jpg>

No rótulo da cerveja Creoula (Figura 10) é possível verificar ao fundo, a representação da cervejaria e uma mulher afro-brasileira. Uma peculiaridade perceptível durante esse período é a associação de elementos negros ou menções à África nos rótulos de cerveja preta. É possível verificar isso nos rótulos de cervejarias comentadas anteriormente como a Cervejaria Bopp que fabricava a cerveja “Negrita” e a Cervejaria Ritter que fabricava a cerveja “Africana”. Na Figura 11, reproduz-se o rótulo da Cerveja Serrana.

Figura 11. Rótulo da Cerveja Serrana



Fonte: Disponível em: <https://i.pinimg.com/564x/a8/5b/c8/a85bc8d0978a20343d75bfbdaa5720dc.jpg>

No rótulo da cerveja Serrana (Figura 11) novamente aparece ao fundo a representação da fábrica de cerveja, neste rótulo o prédio aparece com características diferentes da anterior, com maior tamanho, dando a entender que houve modificações em sua estrutura física. Também constam informações sobre o processo de fabricação da cerveja, em baixa fermentação, as premiações e o teor alcoólico de 3,2%. Em julho de 2005 a revista *Água da fonte* da Academia Passo-Fundense de Letras, publicou uma entrevista com Leofrida Thevenet Barbieux, realizada pelos membros da academia, Paulo Monteiro e Ari Veríssimo da Fonseca. Na época da entrevista Leofrida, com 93 anos de idade, era esposa de Walter Barbieux, filho de Jorge, que passou a trabalhar com o pai na cervejaria na década de 1920, após temporada de estudos na Alemanha, onde se graduou como técnico cervejeiro.⁹¹ O relato de vida de Leofrida revela questões importantes para o entendimento de situações da vida cotidiana do município de Passo Fundo e suas relações com a cervejaria, além de trazer detalhes sobre o funcionamento da mesma e de seus respectivos proprietários. Em um dos trechos publicados, Leofrida expõe o seguinte:

As garrafas de cerveja eram acondicionadas em caixas de madeira, com quadradinhos também de madeira. Para transporte mais longe, as garrafas eram empalhadas com a palha da cevada. O lúpulo vinha da Tchecoslováquia, enrolado em linho. A cevada era importada da Argentina. O transporte era feito em trens, e para onde estes não chegavam, através de carroças.⁹²

Em mensagem apresentada ao conselho municipal pelo então intendente Dr. Nicolau Araújo Vergueiro em reunião ordinária de 1923, Passo Fundo contava então com apenas três cervejarias.⁹³ Em outro trecho transcrito pelos entrevistadores, Leofrida cita uma ampliação da fábrica em 1926 e a importação de uma caldeira trazida pelo trem de Porto Alegre até Passo Fundo que segundo ela, a cidade teria parado para ver a operação de transporte até a cervejaria.⁹⁴ Na Figura 12, a cervejaria ao final da década de 1920.

⁹¹UM ENCONTRO COM A MEMÓRIA VIVA. *Água da Fonte*. Passo Fundo, ano 2, n. 3, 2005, p. 14-15.

⁹²Ibidem.

⁹³VERGUEIRO, Nicolau Araújo. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal na reunião ordinária de 1923*. Passo Fundo, 1923. (AHR)

⁹⁴UM ENCONTRO COM A MEMÓRIA VIVA. *Água da Fonte*. Passo Fundo, ano 2, n. 3, 2005, p. 14-15.

Figura 12. Fotografia da Cervejaria Serrana no ano de 1929



Fonte: Acervo do Museu Histórico Regional (MHR). Código da imagem: MHR.1998.01087. Autor desconhecido.

Na fotografia de 1929 (Figura 12) em frente a cervejaria é possível identificar carroceiros e caminhoneiros que provavelmente faziam o transporte e distribuição da bebida para outras localidades. Na sequência da entrevista, Leofrida relata outros detalhes sobre os demais produtos, como o guaraná e a limonada gasosa que a fábrica também produzia:

O guaraná, natural, vinha do Amazonas em tonéis. A limonada gasosa era produzida com limão natural que vinha de Marcelino Ramos. Todos os produtos eram naturais, com água natural, de um poço artesiano perfurado especialmente para isso. O limão era pasteurizado e conservado em garrafas de vidro, por isso sempre, inverno e verão, podia ser produzida a limonada. Apenas na água de soda, ia um produto químico, o sódio. Além da Cerveja Serrana, era fabricada a Cervejinha Preta Gauchita.⁹⁵

A partir deste trecho constata-se a dinâmica da fábrica, que possuía variedade de produtos, ampliando o seu público alvo. Além dos aspectos produtivos, Leofrida relata que a

⁹⁵Ibidem.

fábrica trabalhava em prol do coletivo passofundense, desempenhando funções como o abastecimento da comunidade em períodos de seca:

A cervejaria era a mãe da seca, pois as pessoas se beneficiavam do poço artesiano, ao tempo em que a cidade só dispunha da água do poço. Walter era muito preocupado com a questão social e fazia questão de ceder água para todos. Nas épocas de seca, era uma verdadeira romaria de pessoas em busca de água. As secas sempre foram periódicas e frequentes. Os moradores das casas próximas se beneficiavam regularmente da água cedida pela cervejaria. As pessoas portadoras de insuficiência respiratória valiam-se do oxigênio produzido na cervejaria, nas crises agudas. Até Dona Jovina Vergueiro, esposa do Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, beneficiou-se de um tubo de oxigênio fornecido pela empresa.⁹⁶

Além da entrevista cedida para a revista, foi possível obter nos arquivos da UPFTV uma entrevista de Leofrida para a mesma, na qual ela reitera algumas das informações apresentadas. Ao longo da década de 1930 a Cervejaria Serrana passou a participar de exposições e competições a nível regional e estadual, ganhando grande projeção. A cervejaria de Alexandre Bramatti localizada no então recém fundado município de Getúlio Vargas em 1934, desmembrado de Erechim e Passo Fundo é que empregara certa concorrência a Cervejaria Serrana. O jornal *A Federação* de 1934, traz a informação do arquivamento do contrato social da Alexandre Bramatti e Filhos, com capital social de 165:000\$000 para fabrico de bebidas em geral. Na seção da Junta Comercial do Estado no dia anterior,⁹⁷ foi possível encontrar um anúncio da Cervejaria Bramatti no jornal *O Getuliense* localizado nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas (IHGGV), como mostra a Figura 13.

⁹⁶Ibidem.

⁹⁷SEÇÃO COMERCIAL. *A Federação*. Porto Alegre. p. 3, 3 abr. 1934.

Figura 13. Anúncio da Cerveja Bramatti



Fonte: Jornal *O Getuliense*. Getúlio Vargas. 21 dez. 1937. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas (IHGGV).

Conforme o texto da Figura 13, a cervejaria Bramatti se intitulava como a melhor da região serrana. Em 1936 o jornal *A Federação*, traz uma reportagem sobre a promulgação da Lei Orgânica do município de Getúlio Vargas. Em um dos trechos menciona uma visita à fábrica de Alexandre Bramatti:

Recebido gentilmente pelo sr. Bramatti fomos convidados a entrar em seu escritório, onde, depois de saborearmos um copo do delicioso chopp, por ele fabricado, entabulamos uma breve palestra. O sr. Bramatti respondendo a uma pergunta que lhe dirigimos, disse que sua cerveja está tendo tanta aceitação desde Marcelino Ramos até Santa Maria, que se viu obrigado a ampliar os porões de seu estabelecimento, afim de poder atender os pedidos diariamente recebidos. E não somente isto. Os srs. Alexandre Bramatti & Filhos foram obrigados a retirar, os anúncios de seus produtos nos jornais, por não poder ainda a sua fábrica produzir tanto quanto são as encomendas. Sem medo de errar, podemos dizer que a fabrica de cerveja em apreço é um estabelecimento que honra a industria nacional.⁹⁸

A edição comemorativa da 1ª Exposição Agropecuária, Industrial e Feira do *Guia Ilustrado Comercial, Industrial e Profissional* do município de Passo Fundo de 1939, destaca que a produção industrial de cerveja de Passo Fundo no ano anterior, chegou a 300.000 litros

⁹⁸GETULIO VARGAS, *A Federação*. Porto Alegre. p. 7, 22 fev. 1936.

de cerveja.⁹⁹ Também destaca a participação das Cervejarias Serrana de Passo Fundo e Bramatti & Filhos de Getúlio Vargas, ambas dividindo o primeiro prêmio para indústrias alimentícias e de bebidas da exposição,¹⁰⁰ demonstrando que ambas compartilhavam e estavam fortemente presentes no mercado regional. Na Figura 14 é possível verificar o local dedicado a exposição dos produtos da Cervejaria Serrana no evento.

Figura 14. Fotografia do Stand da Cervejaria Serrana



Fonte: *Guia Ilustrado Comercial, Industrial e Profissional do município de Passo Fundo de 1939*. Acervo do Arquivo Histórico Regional (AHR).

Na fotografia (Figura 14) é possível averiguar o bem ornamentado *stand* da Cervejaria Serrana, o grande sortimento de produtos, além das tradicionais barricas de chope feitas de madeira. No relatório do ano de 1939 apresentado a Oswaldo Cordeiro de Farias, então interventor federal, pelo prefeito de Passo Fundo, Arthur Ferreira Filho, a produção de cerveja no município chegou a um milhão de litros.¹⁰¹ A edição 675 da revista *A Noite Ilustrada* de

⁹⁹GUIA ILUSTRADO COMERCIAL, INDUSTRIAL E PROFISSIONAL DO MUNICIPIO DE PASSO FUNDO DE 1939. Passo Fundo: Editora Guias Ilustrados Municipais, 1939. (AHR)

¹⁰⁰Ibidem.

¹⁰¹FERREIRA, Arthur. *Relatório apresentada ao Exímio Senhor Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, D. D. Interventor Federal de 1939*. Passo Fundo, 1939. (AHR)

1942, destaca que a Cervejaria Serrana teria a capacidade produtiva anual de um milhão de garrafas,¹⁰² como mostra o anúncio na Figura 15.

Figura 15. Anúncio da Cervejaria Serrana na Revista *A Noite Ilustrada*

Cervejaria Serrana
ALEM DE UMA ÓTIMA CERVEJA, FABRICA
EXCELENTES GASOSAS



Já assinalamos noutra reportagem quanto as indústrias da cidade de Passo Fundo concorrem para a riqueza do parque industrial do Rio Grande do Sul. Ali a iniciativa particular é uma esplêndida realidade.

A Cervejaria Serrana, da firma Bade, Barbieux & Cia., é um estabelecimento à altura do surto progressista que ali se observa. Um dos seus produtos, a cerveja Serrana, conquistou depressa bons mercados pelas suas qualidades e excelente sabor, o mesmo ocorrendo com as águas gasosas, também do seu fabrico.

Sua produção anual atinge seguramente um milhão de garrafas, consumidas nas principais praças do grande Estado.

A firma proprietária da Cervejaria Serrana é constituída pelos Srs. Jorge Barbieux, Otto Bade e Walter Barbieux, todos com um tirocinio industrial que tem possibilitado o grande êxito dos seus apreciadíssimos produtos.

Fonte: *A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro. p. 5, 28 fev. 1942. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A propaganda da Figura 15 ainda exalta as qualidades dos produtos da cervejaria. Na década de 1940, a Cervejaria Serrana havia se consolidado como uma expressiva e organizada indústria cervejeira, atraindo a atenção e o interesse de outras indústrias do Estado em adquiri-la. Nesse período Otto Bade negociou a venda de sua parte para a Cervejaria Continental de Porto Alegre.¹⁰³ Assim a Cervejaria Serrana passou a operar como uma filial da Continental em Passo Fundo. Com o falecimento de Jorge Barbieux em 1945 seu filho Walter assumiu a cervejaria como sócio majoritário junto da Continental.¹⁰⁴ Entretanto, em 1946 a Cervejaria

¹⁰²CERVEJARIA SERRANA. *A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro. p. 5, 28 fev. 1942.

¹⁰³UM ENCONTRO COM A MEMÓRIA VIVA. *Água da Fonte*. Passo Fundo, ano 2, n. 3, 2005, p. 14-15.

¹⁰⁴Ibidem.

Brahma do Rio de Janeiro comprou a Cervejaria Continental, passando a operar sua parcela da Cervejaria Serrana. No mesmo ano, Walter acabou optando então por também vender a sua parte, marcando o fim da Cervejaria Serrana e o início da Cervejaria Brahma em Passo Fundo,¹⁰⁵ passando a operar sob o nome Brahma em 1947.

¹⁰⁵PESAVENTO, op. cit., p. 152.

3. DESAPARECIMENTO DAS PEQUENAS CERVEJARIAS E A CONSOLIDAÇÃO DOS GRANDES MONOPÓLIOS CERVEJEIROS

Neste capítulo será discutida a constituição das grandes indústrias cervejeiras que se consolidaram como monopólios deste setor produtivo, comentando os casos das Cervejarias, Antártica, Brahma e Continental, para que ao final, seja possível identificar como as pequenas e médias indústrias cervejeiras foram gradualmente desaparecendo, dando lugar a concentração empresarial.

3.1 As Cervejarias Antártica, Brahma e Continental

Para que se possa entender a constituição das três grandes cervejarias citadas no título deste tópico, será necessário discutir e expor informações relativas às suas origens, para então compreender como as mesmas controlaram praticamente todo o setor cervejeiro no final da década de 1940. Iniciando pela Cervejaria Brahma, fundada pelo engenheiro e imigrante suíço Joseph Villiger em 1888, sob o nome comercial de Villiger & Cia., e o nome fantasia Cervejaria Brahma.¹⁰⁶ As informações sobre Villiger são bem escassas, pois poucos anos após a fundação da cervejaria, optou por desfazer-se da mesma vendendo-a para o cervejeiro alemão George Maschke, em 1894.¹⁰⁷ Em outubro de 1895 Maschke associou-se a J. Baptist Friederizi, proprietário de restaurantes na capital carioca constituindo assim a firma Georg Maschke & Cia.¹⁰⁸ Maschke negociou empréstimos com uma firma de capital alemão chamada Herm. Stoltz & Cia., para adquirir equipamentos e ampliar as instalações da fábrica. Segundo Marques:

Em complemento à concessão de crédito, ou talvez como exigência imposta na negociação, Maschke firmou um contrato privado com Herm. Stoltz & Cia., em março de 1896. Por esse contrato, cabia a Stoltz fornecer matéria-prima originada no mercado europeu, especialmente no alemão. Stoltz também foi incumbido de distribuir parte da produção da Brahma nos mercados costeiros do Brasil.¹⁰⁹

¹⁰⁶MARQUES, Teresa Cristian de Novaes. *A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro: de 1888 ao início dos anos 1930*. Brasília: EdUNB, 2014, p. 48.

¹⁰⁷Ibidem, p. 50.

¹⁰⁸Ibidem, p. 66

¹⁰⁹Ibidem, p. 70.

A firma de Herman Stoltz esteve fortemente presente nos negócios da Brahma. Seus sócios, posteriormente ocuparam importantes cargos dentro da cervejaria como Hoelck, que era gerente geral da firma de Stoltz e sócio de Maschke, além de J. Künning que se tornou presidente da mesma em 1907 até seu falecimento em 1938.¹¹⁰ Marques ainda destaca que:

A Stoltz realizava múltiplas atividades. Era tanto uma empresa comercial importador, quanto agente de seguros. Também fretava navios que percorriam o litoral brasileiro distribuindo mercadorias das indústrias do Centro-Sul. Cabotagem, representação comercial de fábricas de locomotivas e navios, importação de mercadorias diversas; não havia fronteira nítida entre a empresa mercantil e a financeira.¹¹¹

Após efetivar empréstimos com bancos estrangeiros e realizar contratos de parcerias como a firma de Stoltz, a Brahma passou por um período de forte expansão. Adquirindo em 1904 uma concorrentes do Rio de Janeiro, a Cervejaria Teutônia de Preiss, Häusler & Cia.,¹¹² passou a preocupar as concorrentes de outros estados como, a Cervejaria Antártica Paulista, logo na primeira década dos noventa. Segundo Marques:

O potencial de consumo da capital federal era grande o suficiente para justificar as investidas da cervejaria paulista no Rio, principalmente por que a Antártica tinha consumidores fiéis entre as faixas de alta renda, pois seus produtos eram considerados de qualidade superior. A Brahma, por sua vez, quase não vendia na capital paulista. Tiveram início, então, as negociações para formar um cartel das cervejarias de baixa fermentação no Brasil.¹¹³

Entretanto, o cartel entre as cervejarias não durou muito tempo, face os anseios e as disputas particulares dos grupos envolvidos. Com relação a Cervejaria Antártica, Köb comenta que:

Seu fundador, Louis Bücher, de uma família cervejeira de Wiesbaden-Alemanha, chegou a São Paulo em 1869, estabelecendo uma modesta típica cervejaria na qual era feita cerveja à base de arroz, milho e outras substâncias substitutas ao malte de cevada. Bücher já se preocupava em produzir com baixa fermentação até que encontrou, em 1888, o empresário brasileiro Salles, com o qual estabeleceu uma forte parceria financeira. Salles era proprietário de um abatedouro suíno que levava o nome

¹¹⁰Ibidem.

¹¹¹Ibidem, p. 71.

¹¹²PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 137.

¹¹³MARQUES, op. cit., p. 77-78.

Antartica. Por não haver animais suficientes para manter o negócio, procurou dar ao estabelecimento, já que existia aí uma máquina de fazer gelo, uma nova serventia.¹¹⁴

Aqui nota-se novamente a iniciativa teuto-brasileira, na produção cervejeira em solo brasileiro. Ainda segundo Köb:

Em 12 de fevereiro de 1891 esta firma passou a ser sociedade anônima, Companhia Antartica Paulista. O capital inicial compreendia 2.245 contos. Entre os acionistas se encontravam os dois alemães naturalizados brasileiros João Carlos Antônio Zerrenner e Adam Dietrich von Bülow, os quais eram donos da firma de importação *Zerrenner, Bülow & Cia.*, em São Paulo. Zerrenner e Bülow desempenharam um papel fundamental na modernização da empresa, fornecendo máquinas trazidas da Alemanha. Eles não só levantaram um crédito na Alemanha, em valor desconhecido, como também colocaram à disposição da companhia um empréstimo de 860 contos de seu próprio capital. Em 1893 se encontrou a sociedade anônima em risco de insolvência devido a uma forte desvalorização da moeda brasileira, ocasionando como consequência o encarecimento das dívidas no exterior. Diante dessa situação, assumiram Zerrenner e Bülow o total controle. Em julho do mesmo ano, os acionistas decidiram, em pleno, por unanimidade, por uma redução do capital da firma para 1.710 contos. Ao mesmo tempo o crédito concedido pela firma de Zerrenner e Bülow foi convertido em ações, resultando no domínio por parte da casa importadora teuto-brasileira na participação acionária.¹¹⁵

Além do acesso ao capital estrangeiro, os negociantes Zerrenner e Bülow estavam ligados a inúmeros outros negócios. Marques os aponta também como “expressivos exportadores de café da praça de Santos”.¹¹⁶ Os problemas financeiros relacionados ao câmbio da moeda brasileira não duraram muito tempo, em 1899 o capital da cervejaria era de 3.500 contos.¹¹⁷ Seu capital social em 1904 era de 8.500 contos de réis e nesse mesmo ano, estabeleceu um acordo com a Cervejaria Brahma para regulação de preços e volumes de venda em âmbito nacional.¹¹⁸ Em 1906 a Antartica comprou a cervejaria Bavaria, a maior concorrente dentro do Estado de São Paulo, pelo valor de 3.700 contos.¹¹⁹ O crescimento da Cervejaria Antartica seguia ao passo em que Zerrenner e Bülow mantinham o controle da empresa. Na década de 1920, eram detentores de 75% do capital da empresa, que custava 12.750 contos, possuía uma capacidade de produção de 250 mil hectolitros de cerveja por ano e o número de operários era de aproximadamente 1.300 trabalhadores.¹²⁰ Tanto no caso da Brahma quanto no da Antártica é

¹¹⁴KÖB, Edgar. Como a cerveja se tornou bebida brasileira: a história da indústria de cerveja no Brasil desde o início até 1930. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 161, n. 409, 2000, p. 37.

¹¹⁵Ibidem, p. 37-38.

¹¹⁶MARQUES, op. cit., p. 58.

¹¹⁷KÖB, op. cit., p. 37.

¹¹⁸Ibidem.

¹¹⁹Ibidem.

¹²⁰Ibidem, p. 38-39.

possível identificar a presença do capital comercial na origem de ambas as empresas, além da participação do capital estrangeiro, oriundo da Alemanha, que se fizeram presentes e extremamente importantes para o desenvolvimento e consolidação das empresas como grandes indústrias, proporcionando a continuidade da expansão de seus negócios e a incorporação de empresas concorrentes. Pesavento aponta que:

Vinculadas a um processo de acumulação de capital que se ligava ao eixo dinâmico da economia nacional (o café paulista), as empresas do centro do país não só possuíam maior disponibilidade financeira e capacidade produtiva, como se achavam localizadas junto ao maior mercado consumidor do Brasil: o eixo São Paulo-Rio.¹²¹

Após a Primeira Guerra Mundial a Antártica e a Brahma começaram a adentrar os mercados da região sul do país, chegando ao Rio Grande do Sul e logo impondo concorrência as cervejarias do estado. A alternativa encontrada pelas grandes cervejarias do estado como, Bopp & Irmãos, Bernardo Sassen & Filhos e Heinrich Ritter & Filhos, foi a criação de uma única companhia cervejeira, a Cervejaria Continental em 1924.¹²² Segundo o jornal *A Federação* de Agosto de 1924 faziam parte da nova sociedade, Carlos Bopp Filho, Arthur Bopp, Alberto Bopp, Bernardo Sassen, Guilherme Becker, Bernardo Sassen Junior, Carlos Sassen, Frederico Sassen, Viúva Lydia Friederichs, Arnaldo Engel, Henrique Waldemar Ritter, Carlos Oscar Ritter, Frederico Augusto Ritter, Ricardo Ritter, Adolpho Ritter, Luiz Korberg e Viúva Paulina Ritter.¹²³ Na Figura 16, consta o anúncio da Cervejaria Continental no periódico *Mascara*.

¹²¹PESAVENTO, op. cit., p. 138.

¹²²Ibidem.

¹²³CERVEJARIA CONTINENTAL. *A Federação*. Porto Alegre. p. 5, 26 ago. 1924.

Figura 16. Anúncio da Bopp, Sassen, Ritter & Cia. Limitada

Mascara

Bopp, Sassen, Ritter & Cia. Limitada
São os fabricantes das afamadas cervejas

Todas ellas são feitas com tal esmero e tão higienica elaboração, que fazem das mes-



The advertisement features a collection of ten beer bottles arranged in a circular pattern. The bottles are of various shapes and sizes, each with a distinct label. The labels include the following names: 'Oriente', 'Becker', 'Continental', 'Elephante', 'Hercules', 'Ritter', 'Negrita', and 'Globo'. The bottles are set against a plain, light-colored background.

mas, um producto unico, puro, de um sabor delicioso e altamente nutritivo

Rua Christovão Colombo 61 a 65 - PORTO ALEGRE Rio Grande do Sul - BRASIL

Telephone 86-969 - End. Electr.: e Phon. „CERVEJARIA“

Fonte: Jornal *Mascara*. Porto Alegre. p. 104. 1928. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No anúncio (Figura 16) é possível conferir a presença de todas as grandes marcas de cervejas gaúchas daquele período como Elephante, Hercules, Globo, Ritter, Becker, Negrita, Oriente e Continental. Reunidas, sob os nomes das principais famílias cervejeiras do estado, após a fusão de suas empresas. Conforme Pesavento:

A formação da Cervejaria Continental, marcando claramente o processo de concentração industrial em curso, praticamente aniquilou as condições de concorrência das demais cervejarias na capital e próximas dela. Passando a atuar sob a razão social de “Bopp, Sassen, Ritter & Cia LTDA.”, a nova empresa ampliou suas instalações e aperfeiçoou-se tecnicamente. Passou a contar com 10 câmaras frigoríficas para refrigeração das cerveja em barris e para o fabrico de gelo. Praticamente, a nova empresa passou a dominar o mercado estadual, tendo seus produtos ampla aceitação.¹²⁴

Os proprietários da Cervejaria Continental ainda tiveram grande influência sobre a política industrial gaúcha na década de 1930. Fundando em conjunto com outros empresários o Centro da Indústria Fabril do Rio Grande do Sul, órgão representante da classe industrial gaúcha.¹²⁵ No interior do estado também houve processos de incorporação e fusão de outras empresas, como forma de subsistir e frear o avanço dos grandes monopólios que estavam cada vez mais presentes em todas as praças. O braço da família Ritter de Pelotas (Ritter e Anselmi & Filhos) associou-se com a Cervejaria Schmidt de Porto Alegre, formando a Cervejaria Sul-Brasil Ltda.¹²⁶

3.2 Expansão e domínio do setor cervejeiro

Após a década de 1930 com a crise do setor agroexportador ligado a cultura do café, houve a necessidade de uma profunda mudança na política econômica e industrial brasileira. O governo acabou por interferir em uma série de fatores que correspondiam desde uma mudança na política tarifária, até a abertura de crédito para setores da indústria que pudessem diversificar o parque industrial nacional. Segundo Pesavento:

[...]passaram a ser valorizadas aquelas indústrias ditas “naturais”, ou seja, aquelas que beneficiavam a matéria-prima nacional. Isto tanto vinha dar um reforço ao setor agropecuário do país, que fornecia a matéria-prima, quanto visava à economia de divisas numa época de crise, quando se restringiam as importações no período pós-30.¹²⁷

Logo, o setor cervejeiro beneficiou-se dessa política ao utilizar insumos como, a cevada produzida nacionalmente. Entretanto, mesmo as pequenas e médias cervejarias sendo

¹²⁴PESAVENTO, op. cit., p. 138-139.

¹²⁵Ibidem.

¹²⁶Ibidem.

¹²⁷Ibidem, p. 141.

beneficiadas com a nova política adotada pelo governo, esta, favoreceu principalmente, as grandes empresas, que detinham grande capital e influência na política industrial, além de seguramente, conseguirem arcar com os compromissos financeiros. Conforme Pesavento:

Dentro das condições de competição estabelecidas pelo capitalismo, uma vez tornada conhecida a presença da máquina no processo de trabalho, a tendência é a sua adoção por parte das empresas, sob pena de não possuírem condições de concorrência. As pequenas empresas, no caso, vão sendo eliminadas e as maiores tendem por sua vez a monopolizar o mercado.¹²⁸

Empresas como a Cervejaria Continental conseguiram monopolizar o mercado aproveitando-se dessa política, adotando algumas estratégias como, distribuir gratuitamente as sementes de cevada cervejeira, que acabou despertando o interesse de agricultores. A empresa firmava um contrato preestabelecido comprando toda a produção do agricultor, sendo os preços delimitados no contrato.¹²⁹ A Continental também investiu recursos na construção de uma grande maltaria nacional, economizando com a redução da importação da cevada maltada de outros países.¹³⁰ Porém, a política tarifária praticada pelo estado do Rio Grande do Sul elevava os custos de produção e conseqüentemente o preço do produto final, política não adotada pelos estados como, São Paulo e Rio, onde se concentravam os outros grandes grupos cervejeiros como Antartica e Brahma. Pesavento destaca que, “as cervejarias do eixo São Paulo-Rio levavam uma vantagem com relação ao custo da produção, uma vez que os fabricantes de bebidas do Rio Grande importavam as garrafas para o acondicionamento de seu produto do centro do país”. Conforme Köb:

O acesso a financiamento mostrou-se a longo prazo efetivo para o sucesso ou insucesso de uma empresa produtora de cerveja. Ao contrário das cervejarias de manufatura, resultava o setor industrial num empreendimento com altas quotas de custos fixos. A aquisição de máquinas a vapor e de fazer gelo, a construção de armazéns refrigerados e a necessária exploração da capacidade de produção, bem como da rede de distribuição, estavam além das possibilidades de uma simples empresa. A verba necessária era colocada à disposição sobre tudo por grandes casas comerciais como no que se sucedeu com a Antartica. A exemplo da *Zerrener, Bülow & Cia.*, em São Paulo, financiavam indústrias de cerveja a *Georg Maschke & Cia.*, e também a *Preiss, Häussler & Cia.*, no Rio de Janeiro ou então o negociante Alberto Bins, no Rio Grande do Sul. Friedrich Christoffel, Bernhard Sassen e Heinrich Ritter pertenciam a este ramo antes de se tornarem empresários no setor de cerveja.¹³¹

¹²⁸Ibidem, p. 146.

¹²⁹Ibidem, p. 147.

¹³⁰Ibidem.

¹³¹KÖB, op. cit., p. 39.

A partir da década de 1940, mesmo grandes indústrias como a Cervejaria Continental que possuía grande influência no círculo industrial rio-grandense, não conseguiu frear o avanço da Antártica e da Brahma no estado, que iam eliminando as concorrentes de forma gradual, adquirindo estrategicamente cervejarias bem instrumentadas e bem localizadas pelo interior. Em determinado momento, face a grande concorrência empregada pelas grandes cervejarias, cabia a estas pequenas e médias manufaturas apenas subsistir, sem qualquer possibilidade de empregar concorrência, limitando-se a vender seus produtos local ou regionalmente, até serem adquiridas por cervejarias maiores, ou encerrarem suas atividades face as dificuldades financeiras, ou na manutenção dos negócios. Para Pesavento:

[...]aquelas empresas que contavam com maior dose de capitalização prévia via comércio puderam adquirir tecnologia mais avançada no exterior, o que permitiu que algumas cervejarias se configurassem como verdadeiras fábricas. Tal processo foi acompanhado por uma concentração industrial – aglutinação de empresas com maior capacidade produtiva – e desaparecimento de pequenas unidades.¹³²

Em abril de 1945 o jornal *A Noite* noticiou que a Brahma acabou por adquirir a Cervejaria Leonardelli de Caxias, uma das maiores do Estado.¹³³ No ano seguinte, a mesma adquiriu a Cervejaria Continental e conseqüentemente todas as subsidiárias da cervejaria, como a Cervejaria Serrana de Passo Fundo.¹³⁴ A Continental tentara praticar a mesma política de concentração empresarial empregada pelas cervejarias de São Paulo e Rio de Janeiro, na tentativa de sobreviver ao avanço das mesmas dentro do estado, o que não foi possível em virtude do grande poder econômico que as mesmas haviam adquirido.

Outro aspecto pouco comentado, com relação a aquisição das pequenas e médias cervejarias pelas grandes é sobre o impacto social causado por essas transações. Em alguns casos, uma vez que a cervejaria local era adquirida pelo grande grupo, o mesmo não mantinha a cervejaria funcionando por muito tempo. Ao encerrar as atividades, acabavam por gerar problemas sociais, como desemprego. O jornal *Pioneiro* de janeiro de 1949 traz uma reportagem sobre a Cervejaria Leonardelli, apenas quatro anos após a sua aquisição pela Cervejaria Brahma, o prédio se encontrava abandonado. A discussão aconteceu em torno da desapropriação do prédio por parte das autoridades, para que este tenha uma nova função social

¹³²PESAVENTO, op. cit., p. 152.

¹³³GRANDE TRANSAÇÃO COMERCIAL. *A Noite*. Rio de Janeiro. p. 14, 26 abr. 1945.

¹³⁴PESAVENTO, op. cit., p. 152.

como, o armazenamento de grãos para os agricultores da região. Não faltaram críticas com relação a Brahma. A reportagem ainda sugere que aquisição da cervejaria foi feita unicamente para eliminar a concorrência,¹³⁵ como mostra a Figura 17.

¹³⁵FECHAMENTO DA CERVEJARIA BRAHMA. *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 10, 27 jan. 1949.

Figura 17. Notícia do Fechamento da Cervejaria Brahma em Caxias do Sul

O Fechamento da Cervejaria Brahma em Caxias do Sul e o Abandono e Improdutividade do Imóvel em que se Instalara

Não possuímos mais a indústria da cerveja em Caxias do Sul. — Considerações sobre as possibilidades do aproveitamento desse imóvel, e de sua desapropriação pelo governo competente. Fala à nossa reportagem e o industrialista sr. Hugo Corsetti. Reportagem de Marcel JARVONI

Os Caxienses já se haviam acostumado a ver, na antiga Cervejaria Leonardelli, instalada em ótimo prédio à rua Ernesto Alves, uma das forças propulsoras do progresso caxiense e um motivo de orgulho de nosso parque industrial pela apreciação e pela disputa invejáveis de que eram alvo os produtos lançados ao consumo pela firma dos irmãos Leonardelli.

Depois, a Cia. Cervejaria Brahma S. A., por alguns milhares de cruzados adquiriu todas as instalações da citada firma e passou a operar em nossa praça, parecendo que suas atividades iniciais representariam um novo surto progressista e realizador nesse ramo industrial.

Desapareceu, com efeito, uma indústria cujos produtos eram por assim dizer uma tradição de Caxias, mas em seu lugar apresentava-se uma verdadeira potência comercial, a cuja frente já se haviam inclinado outras importantíssimas indústrias similares. E os caxienses esperavam que os novos industriais não apenas manteriam aqui o ritmo de trabalho que os antecederam, não mesmo o incrementariam, com a construção de novas instalações e o aproveitamento de uma maior capacidade técnica, advinda dos ilimitados recursos financeiros de que dispunham os novos proprietários.

Não foi, pois, com pouca surpresa que a nossa cidade tomou conhecimento, apenas alguns anos após as atividades da Cia. Cervejaria Brahma S. A., em nosso meio, da decisão que esta tomara de transferir-se para o município de Frazão Fundo, deixando aqui ao abandono um imóvel de inestimável valor para o fim a que se destinara. Caracterizava-se, aos olhos dos caxienses, a intenção que orientara os novos proprietários — a eliminação pura e simples de um concorrente.

Não possuímos mais a indústria da cerveja em Caxias do Sul, e as fotografias que estampamos nesta reportagem, dos prédios abandonados atestam e dizem melhor do que as palavras representa para a nossa cidade, o nosso município e grande parte da região.

Já houve os que se lembraram de aproveitar essas instalações, por depósito de cereais para a localização de uma Seção de Fomento Agrícola, dirigida pelas autoridades competentes. Isto implicaria, necessariamente, na desapropriação do imóvel por parte do governo. E seria possível essa desapropriação, em face das leis atuais?

Diz a Constituição Brasileira, no capítulo que trata da ordem econômica e social, que a União tem o direito de intervir no domínio econômico, quando essa intervenção tenha por base o interesse público. E mais adiante acrescenta que a lei reprimirá toda e qualquer forma de abuso do poder econômico, configurando-se, assim, a certa magna brasileira, francamente contra o individualismo econômico. E foi com esse objetivo que o artigo 141, em seu parágrafo 16 assegura que é garantido o direito da propriedade, salvo o caso de desapropriação por necessidade ou utilidade pública, ou por interesse social, mediante prévia e justa indenização em dinheiro. Concluímos, portanto, que no caso presente, a desapropriação é não apenas possível, mas recomendável.

E qual seria a utilização melhor desse imóvel, considerando-se as peculiaridades desta região?

— Sobre tão importante assunto procuramos ouvir ao sr. Hugo Corsetti, sócio da firma Vva. Angelo Corsetti & Filhos, desta cidade, e que pela sua longa experiência no trato do ramo agrícola, principalmente do ramo de cereais, estaria em condições de nos dar uma apreciação prática e objetiva. As declarações que abaixo transcrevemos nos foram prestadas por sua semelhança, em resposta à nossa pergunta:

— Qual seria a sua opinião sobre a possível utilização de um imóvel, de propriedade da Brahma, antiga Cervejaria Leonardelli, localizado nesta cidade, e atualmente desocupado e improdutivo?

Minha opinião de industrialista e comerciante no ramo de cereais, é de que deve o Governo Federal, por meio do Ministério da Agricultura, voltar suas vistas para um fato desta natureza, mormente neste momento em que o mesmo, segundo o noticiário dos jornais, está vivamente empenhado numa campanha de incremento agrícola e consequentemente econômica de nosso país, dada a sua localização nesta região produtora. Tornando possível, não amanhã, mas num futuro próximo a produção e armazenamento de cereais de tal forma a nos tornarmos independentes de importação estrangeira.

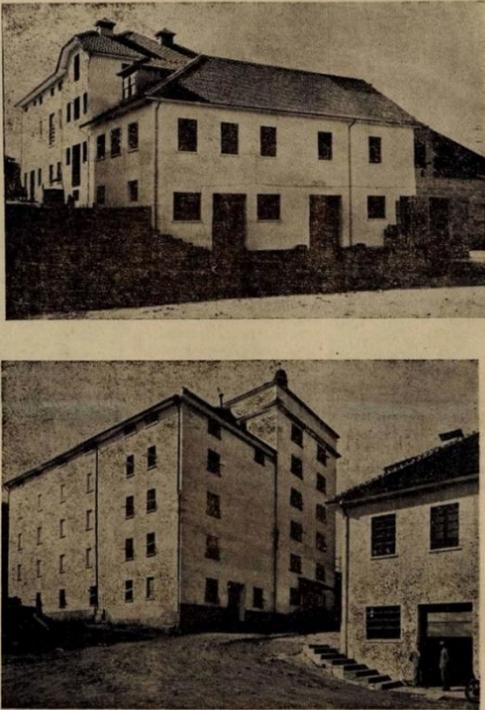
Ninguém deve desconhecer que de ano para ano, devido à campanha que vem sendo desenvolvida e bem orientada pelo Ministério da Agricultura, as safras de cereais se apresentam cada vez mais promissoras e abundantes, com produções já bastante apreciáveis, o que tem sido objeto por parte daquele Ministério a instalação de silos, nas zonas de produção, destinados ao recebimento de grãos, para armazenamento e conservação em boas condições, a fim de suprir as épocas de procura.

Se bem que, a capacidade dessas instalações, não sejam no momento suficientemente grandes para o armazenamento da produção de toda esta região, em parte cobririam uma lacuna, que verdade seja dita, quando as indústrias deste gênero procuram suprimentos de cereais, certa época do ano em diante, dificilmente são encontrados grãos em condições de serem devidamente aproveitados, pela falta de instalações adequadas para o armazenamento e conservação dos mesmos.

Se atendermos ainda ao fato, de que perfeitamente nos dão provas diversos países e especialmente a República Argentina, veremos que com o armazenamento e conservação em boas condições das diferentes espécies de cereais, a lei de oferta e procura que tanto faz oscilar os preços, aos poucos tenderia a desaparecer beneficiando os consumidores de toda esta região, tornando possível um padrão alimentar mais barato e menos variável.

Quanto a localização dessas instalações, que sem dúvida alguma é invejável, tendo-se em conta as vias de comunicação com todos os municípios desta região, nada melhor do que pelo Ministério da Agricultura ser aproveitada um imóvel nestas condições em algo produtivo, não só para armazenagem de cereais, para também para a localização de uma Seção de Fomento Agrícola, pela seleção e distribuição de sementes em toda região, tornando possíveis maiores colheitas com mais valor comercial.

Além de todos estes fatores interessantes poderia perfeitamente o Ministério da Agricultura, manter um corpo de técnicos rurais e determinar máquinas agrícolas modernas, pois ampliando teórica e praticamente os conhecimentos do nosso agricultor, possibilitaria a colher maiores safras com menos sacrifícios pela falta de conhecimentos adequados neste sentido, evitando-se o abandono por parte daqueles das terras e o êxodo às fábricas, uma vez que conhecedores de métodos mais modernos e aperfeiçoados na faina agrícola, não mais seria o colono humilde e vencido pelas dificuldades oriundas pela falta de conhecimentos, mas sim um soldado na vanguarda da produção agrícola, contribuindo num futuro próximo para um padrão de vida melhor e mais abundante e para a independência agrícola e econômica de nosso país.



DUAS VISTAS do imóvel onde funcionava a Cervejaria Brahma. A antiga propriedade da Cervejaria Leonardelli. Ambos os prédios e a vasta área de terreno que os circunda, estão atualmente desocupados e improdutos. Representavam, outrora, uma das mais promissoras indústrias caxienses.

Fonte: Jornal *Pioneiro*. Caxias do Sul. p. 10, 27 jan. 1949. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Na Figura 17 é possível verificar a partir das representações da reportagem citada, as estruturas físicas que foram abandonadas pela Brahma. Contudo, cabe destacar que a experiência exposta não é uma unanimidade no meio empresarial, visto que o processo de constituição de monopólios ocorreu em outros setores industriais. Porém, em alguns casos, os novos locais dos quais o grupos cervejeiro escolheram por instalar-se, experimentaram o desenvolvimento econômico e social. Algumas poucas cervejarias conseguiram resistir a forte pressão dos grandes monopólios e, após a década de 1950, houve também o surgimento de algumas cervejarias independentes como a Cervejaria Serramalte de Getúlio Vargas, mas apenas subsistindo à sombra dos grandes grupos cervejeiros como a Antártica e Brahma.

CONCLUSÃO

No decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa foi possível conhecer um pouco sobre a história das cervejarias no Brasil e no Rio Grande do Sul, com o foco voltado à experiência ocorrida em Passo Fundo, trazendo informações relativas as cervejarias locais e ampliando o debate sobre o desenvolvimento econômico do município ao longo de sua trajetória nos séculos XIX e parte do XX. Embora casualmente exploradas pela historiografia, as cervejarias estiveram presentes e foram protagonistas no processo de industrialização. Logo, buscou-se esclarecer alguns detalhes sobre sua formação, consolidação, expansão e em determinados casos, declínio.

Em um primeiro momento, buscou-se introduzir o tema da produção da cerveja partindo do ingresso dessa bebida em solo brasileiro, através do comércio com o estrangeiro, além de discutir peculiaridades sobre a política industrial brasileira e algumas particularidades sobre a sua fabricação. A investigação realizada em periódicos se mostrou determinante para o desenvolvimento da pesquisa, contendo informações importantes sobre as cervejarias, principalmente com relação a Cervejaria Serrana, a primeira cervejaria do município de Passo Fundo a se caracterizar como indústria. Diversas fontes de pesquisa como jornais, revistas e relatórios viabilizaram a pesquisa. No caso das cervejarias de Passo Fundo, em especial a Cervejaria Serrana, ainda foi possível a pesquisa de parte da sua história a partir do relato de uma antiga proprietária, que revelou detalhes importantes sobre a história da cervejaria, como também do município.

Com a proposta de enriquecer o debate em torno da história da cerveja, a pesquisa perpassou tanto aspectos sociais quanto econômicos. Abordando a imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul e a relação com as cervejarias. A constituição de fábricas a partir da iniciativa desses imigrantes foi possível, em sua maioria, com o conhecimento prévio sobre sua fabricação, pela herança social ou pelo intercâmbio cultural. Também cabe ressaltar, conforme fora apresentado, que boa parte dessas fábricas teve em sua origem, o excedente gerado a partir do capital comercial, o que possibilitou o processo de industrialização das cervejarias.

Ao retomar o problema de pesquisa que orientou essa investigação, sobre quais motivos levaram à venda da Cervejaria Serrana para a Cervejaria Brahma, ou seja, qual processo histórico resultou no encerramento das atividades de uma cervejaria local, que foi incorporada por uma empresa maior? É possível argumentar que, conforme a bebida foi se popularizando

entre as diversas camadas da sociedade, visto seu baixo custo e aceitação, a demanda pelo produto aumentava consideravelmente, proporcionando às fábricas melhor equipadas e com maior capacidade de produção e distribuição, experimentarem um crescimento econômico gradual. Entretanto, alguns fatores se mostraram determinantes para o desenvolvimento e expansão de algumas indústrias cervejeiras. A constituição de um capital inicial, oriundo em alguns casos da atividade comercial, a infraestrutura da localidade, logística, o tamanho do mercado consumidor e também fatores externos como a possibilidade de conseguir financiamentos para investir no negócio. As implicações deste processo culminaram no desaparecimento de parcela significativa das pequenas e médias cervejarias e a constituição de monopólios no mercado.

Por fim, as informações relativas as cervejarias, principalmente aquelas que iniciaram a fabricação desta bebida em solo brasileiro, são escassas, o que tornou a pesquisa ainda mais instigante e desafiadora. A partir do estudo de caso de algumas delas, como as de Passo Fundo, foi possível expandir o debate em torno da história da cerveja. No entanto, faz-se necessária a ampliação e continuidade dessa pesquisa, visto sua magnitude e abrangência, tanto em aspectos culturais quanto socioeconômicos.

FONTES

ANNES, Gervásio Lucas. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal em reunião ordinária de 1º de novembro de 1911*. Passo Fundo: O Gaúcho, 1911. (AHR)

ANUÁRIO DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre. 1885. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 out. 2020.

CERVEJARIA CONTINENTAL. *A Federação*. Porto Alegre. 26 ago. 1924. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 23 out. 2020.

CERVEJA NACIONAL. *O Rio-Grandense*. Porto Alegre. 30 ago. 1852. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 18 out. 2020.

CERVEJARIA SERRANA. *A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro. 28 fev. 1942. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 out. 2020.

Entrevista com Leofrida Thevenet Barbieux, realizada pela repórter Deisi Fanfa da UPFTV. Em posse do autor.

FABRICA DE CERVEJA. *A Voz da Serra*. Passo Fundo. 16 set. 1916. (AHR).

FABRICA DE CERVEJA EM ERECHIM. *A Federação*. Porto Alegre. 23 ago. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 21 out. 2020.

FECHAMENTO DA CERVEJARIA BRAHMA. *Pioneiro*. Caxias do Sul. 27 jan. 1949. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

FERREIRA, Arthur. *Relatório apresentada ao Exímio Senhor Coronel Oswaldo Cordeiro de Farias, D. D. Interventor Federal de 1939*. Passo Fundo, 1939. (AHR)

GRANDE TRANSAÇÃO COMERCIAL. *A Noite*. Rio de Janeiro. 26 abr. 1945. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 out. 2020.

GETULIO VARGAS, *A Federação*. Porto Alegre. 22 fev. 1936. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 out. 2020.

GUIA ILUSTRADO COMERCIAL, INDUSTRIAL E PROFISSIONAL DO MUNICIPIO DE PASSO FUNDO DE 1939. Passo Fundo: Editora Guias Ilustrados Municipais, 1939. (AHR)

HOSPEDES E VIAJANTES. *Correio do Município*. Caxias do Sul. 31 jan. 1916. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 27 out. 2020.

INAUGURAÇÃO DE FABRICA. *A Voz da Serra*. Passo Fundo. 25 nov. 1916. (AHR).

INTERIOR. *Aurora Fluminense*. Rio de Janeiro. 25 jan. 1833. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 out. 2020.

Jornal *Mascara*. Porto Alegre. 1928. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 23 out. 2020.

Jornal *O Brazil*. Caxias do Sul. 10 jun. 1911. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 out. 2020.

Jornal *O Brazil*. Caxias do Sul. 13 jan. 1917. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 out. 2020.

Jornal *O Brazil*. Caxias do Sul. 24 out. 1914. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 out. 2020.

Jornal *O Gaúcho*. Passo Fundo. 7 fev. 1909. (AHR).

Jornal *O Gaúcho*. Passo Fundo. 11 abr. 1905. (AHR).

Jornal *O Getuliense*. Getúlio Vargas. 21 dez. 1937. (IHGGV).

Jornal *Pioneiro*. Caxias do Sul. 27 jan. 1949. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 out. 2020.

JUNTA COMMERCIAL. *A Federação*. Porto Alegre. 8 ago. 1916. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 28 out. 2020.

MARCA REGISTRADA. *A Federação*. Porto Alegre. 8 fev. 1917. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 28 out. 2020.

MAPPA DEMONSTRATIVO DAS FABRICAS E PRODUCTOS DE ALGUNS MUNICIPIOS DESTA PROVINCIA, E DE SUAS RIQUEZAS NATURAES. *Relatórios dos Presidentes das Províncias Brasileiras*. Porto Alegre. 1 jun. 1849. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 30 out. 2020.

MENSAGEM DO PRESIDENTE DO ESTADO. *A Federação*. Porto Alegre. 7 out. 1914. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

OLIVEIRA, Pedro Lopes. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal em 31 de outubro de 1906*. Passo Fundo, 1906. (AHR)

OLIVEIRA, Pedro Lopes. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal em 1 de novembro de 1915*. Passo Fundo, 1915. (AHR)

OLIVEIRA, Pedro Lopes. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal na reunião ordinária de 1916*. Passo Fundo, 1916. (AHR)

PELAS FABRICAS. *A Federação*. Porto Alegre. 16 mar. 1904. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 26 out. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE GETULIO VARGAS. *Calendário do Município de Getúlio Vargas de 2019*. Getúlio Vargas. 2019. (IHGGV).

PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO. *Moradores da Vila de Passo Fundo 1862 a 1904*. Passo Fundo, [19..?]. [caixa] A-3.1.14. (AHR).

Revista *A Noite Ilustrada*. Rio de Janeiro. 28 fev. 1942. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

RIO DE JANEIRO. *A Verdade*. Rio de Janeiro. 28 ago. 1832. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 out. 2020.

SEÇÃO COMERCIAL. *A Federação*. Porto Alegre. 3 abr. 1934. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 27 out. 2020.

SECÇÃO COMMERCIAL. *A Federação*. Porto Alegre. 19 jul. 1912. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> Acesso em: 26 out. 2020.

TRAÇOS BIOGRAPHICOS. *O Cosmopolita*. Caxias do Sul. 29 nov. 1903. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 out. 2020.

VENDAS. *Jornal do Comercio*. Rio de Janeiro. 22 ago. 1832. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 out. 2020.

VENDAS. *Jornal do Comercio*. Rio de Janeiro. 15 set. 1832. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 out. 2020.

VENDAS. *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro. 15 nov. 1831. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 20 out. 2020.

VERGUEIRO, Nicolau Araújo. *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal na reunião ordinária de 1923*. Passo Fundo, 1923. (AHR)

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nós e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- FREITAS, Almir Pita. História Econômica e História de Empresa: Algumas Reflexões Metodológicas. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, n. 10, p. 168-177, 1989.
- JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: ALBERTI, Verena, FERNANDES, Maria Tania, FERREIRA, Maneta de Moraes (Orgs.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000
- KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Passo Fundo e a construção do imaginário de capital do planalto: comemoração, memória, visualidade e políticas públicas*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- KÖB, Edgar. Como a cerveja se tornou bebida brasileira: a história da indústria de cerveja no Brasil desde o início até 1930. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 161, n. 409, p. 29-58, 2000.
- KÜHN, Fábio. Breve história do Rio Grande do Sul. 2 ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- LOBO, Eulália L.. História Empresarial: Metodologia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- LUZ, Nícia Vilela. As tentativas de industrialização no Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org). *História geral da civilização brasileira*. 6. ed. Tomo II, vol. 6. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MARQUES, Teresa Cristian de Novaes. *A cerveja e a cidade do Rio de Janeiro: de 1888 ao início dos anos 1930*. Brasília: EdUNB, 2014.
- MIGLIORANZA, Cristiane. O surgimento da imprensa em Passo Fundo e sua estreita ligação com o partido republicano – a vida de Gervásio Annes de 1889 a 1917. *Anais do I Seminário de História Regional*. Passo Fundo: UPF, 2006.
- MIRANDA, Fernando B. Severo de.; MACHADO, Ironita P. *Passo Fundo: presentes da memória*. Rio de Janeiro: MM Comunicação, 2005.
- NASCIMENTO, Welci; DAL PAZ, Santana Rodrigues. *Vultos da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 1995.

OBERACKER, Carlos H. A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org). *História geral da civilização brasileira*. 8. ed. Tomo II, vol. 5. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A indústria da cerveja no Rio Grande do Sul: um caso de análise. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS*, Porto Alegre, n. 9, p. 157-174, 1981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: agropecuária colonial e industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

STORMOWSKI, Marcia Sanocki. *Crescimento econômico e desigualdade social: o caso da ex-colônia Caxias (1875-1910)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

TEDESCO, João Carlos. *A Gare e o trem em Passo Fundo: sinergias econômicas (1898-1978)*. Porto Alegre: EST, 2015.

VILLELA, André. Política tarifária no II reinado: evolução e impactos, 1850-1889. *Nova Economia*. Belo Horizonte, 2005.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, São Paulo, v. 4, jun. 1985.